



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS- ICS
CIÊNCIAS SOCIAIS-LICENCIATURA

**OLHAR E OUVIR PARA ALÉM DO ASFALTO: UM ESTUDO SOBRE MEMÓRIA E
VIOLÊNCIA NO VALE DO REGINALDO, MACEIÓ, AL**

SUANA CSEHES DO NASCIMENTO

MACEIÓ- AL

2014

SUANA CSEHES DO NASCIMENTO

**OLHAR E OUVIR PARA ALÉM DO ASFALTO: UM ESTUDO SOBRE MEMÓRIA E
VIOLÊNCIA NO VALE DO REGINALDO, MACEIÓ, AL**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado ao curso de Ciências Sociais
da Universidade Federal de Alagoas –
UFAL, como requisito final para obtenção
do título de licenciado em ciências
sociais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda
Rechenberg.

MACEIÓ-AL

2014

SUANA CSEHES DO NASCIMENTO

**OLHAR E OUVIR PARA ALÉM DO ASFALTO: UM ESTUDO SOBRE MEMÓRIA E
VIOLÊNCIA NO VALE DO REGINALDO, MACEIÓ, AL**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado ao curso de Ciências Sociais
da Universidade Federal de Alagoas –
UFAL, como requisito final para obtenção
do título de licenciado em ciências
sociais.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Fernanda
Rechenberg.

Data: 30 de Abril de 2014

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^ª. Dr^a. Fernanda Rechenberg

Prof. Ms. Bruno César Cavalcanti

Prof^ª. Dr^a Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

Dedico este trabalho à meu avô Gyula Csehes (*in memorian*), meu grande inspirador. Crescer ouvindo suas histórias me fizeram criar uma grande paixão pelo ouvir e escrever. Sua força de vontade e sua paixão sempre geraram em mim grande admiração. Hoje não poderia fazer algo diferente, senão lembrar do quão importante suas memórias são para quem sou hoje.

Dedico à meu pai Robson Marcelo, quem sempre acreditou e me fez chegar onde estou hoje. Sua história de vida e determinação fizeram-me olhar para o mundo de outra perspectiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois dEle, por Ele e para Ele é este trabalho. Certa de que sem Ele jamais conseguiria concluir este trabalho, sou grata pela sua graça que me fez chegar até onde estou.

À meus pais Robson e Uranadja que sempre estiveram ao meu lado me encorajando a viver este momento e acreditando que eu seria capaz.

À minha amada irmã Suelyn , quem tantas vezes com suas doces e sabias palavras me aconselhava e direcionava.

À minha estimada orientadora Fernanda Rechenberg, por acreditar que eu seria capaz de produzir esse trabalho em um momento em que eu me vi sem direção. Por sua disposição em ouvir-me e paciência. Lembrarei eternamente das vezes em que mesmo sem dizer nada seu sorriso me encoraja a seguir em frente . Suas palavras de encorajamento me fizeram chegar aqui.

Aos professores Bruno César e Ruth Vasconcelos por aceitarem o convite para participar da banca de defesa deste trabalho

Ao grande amigo Douglas com quem compartilhei as maiores emoções e hoje chegamos até esse momento juntos.

Ao grande amigo Aroldo Fernandes ,que conquistei ao longo deste curso. Companheiro que sempre estava disposto a me ouvir.

Aos amigos Pedro e Moisés por suas valiosas contribuições na estruturação final desse trabalho.

À amiga e irmã Suanne com quem sonhei durante tantos dias esse momento.

Aos irmãos Ricardo e Adriana Jatobá que sempre estavam dispostos a me ajudar guiando-me dentro do Vale do Reginaldo e me fazendo chegar em alguns interlocutores

À família JOCUMEira que me proporcionou o encontro com o Vale do Reginaldo. Sem o Projeto Aprender meus olhos ainda estariam fechados para aquele mundo.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa antropológica realizada no Vale do Reginaldo em Maceió, vale que é conhecido em toda cidade por suas histórias de crime e suas bocas de fumo. Com a crescente urbanização em Maceió, o vale recebeu migrantes de toda parte, o que fez com que o local sofresse com o aumento da violência, a poluição desenfreada do Riacho do Salgadinho e tantos outros fatores. Buscando o máximo de informações sobre a história do local, este estudo inicia apresentando o Vale do Reginaldo e os percalços encontrados ao longo da pesquisa. Logo em seguida, as memórias dos moradores serão trabalhadas como ponto-chave para entender as mudanças do passado e o presente. Por fim aborda-se a violência de uma nova perspectiva, deixando de lado a fala estigmatizadora que a sociedade tanto reproduz sobre o local e focando nas memórias dos moradores. Memórias estas que estão impregnadas de dor e medo, assim como estão repletas de lembranças de um Vale bucólico.

PALAVRAS-CHAVE: Vale do Reginaldo, memória, cotidiano, violência, urbano

Abstract

This work is the result of an anthropologic research conducted in the Valley of Reginaldo in Maceio, a well-known valley throughout the city due to its stories of crime and drug dens. With the increasing urbanization in Maceio, the valley has received migrants from many parts of the city, making the place suffer with increase in violence, rampant pollution of the creek of Salgadinho and several other factors. Seeking the maximum of information about the history of the place, this study begins by presenting the Valley of Reginald and the setbacks found during the research. Shortly thereafter, the memories of the residents will be used as a key point in order to understand the changes in past and the current state of the Valley. Lastly, the violence will be approached from a new perspective, leaving aside the stigmatizing speech that the society reproduces about the local and focusing on the memories of the residents. Memories which are impregnated in fear and pain as well as filled with remembrances of a bucolic valley.

Key- words: Valley of Reginald, memory, everyday, violence, urban

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	08
INTRODUÇÃO.....	10
1.A ESCOLHA DO CAMPO DE ESTUDO.....	12
1.1 A entrada.....	16
2. OS VALES DO REGINALDO.....	23
2.1 Divisões simbólicas a partir do imaginário dos moradores.....	23
2.2 O Reginaldo e seus moradores.....	27
2.3 O Riacho Salgadinho: Sua história contada pelo moradores.....	36
3. O VALE DO REGINALDO E A VIOLÊNCIA EM MACEIÓ.....	47
3.1 Violência , estigma e o Reginaldo.....	50
3.2 A violência nas falas dos moradores do Reginaldo.....	57
4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES.....	70

LISTA DE IMAGENS

Página 17

Mapa apontando o Vale do Reginaldo e sua proximidade com o bairro Farol

Fonte: Google maps www.google.com.br/maps

Página 18

Mapa apontando o Vale do Reginaldo como Rua Diégues Júnior

Fonte: Google maps www.google.com.br/maps

Página 24

Imagem da Ponte Reginaldo que liga o bairro Farol ao bairro Feitosa

Fonte: G1.globo WWW.g1globo.com

Página 25

Escadarias que descem do bairro do Farol para o Vale do Reginaldo

Fonte: Fotografia da pesquisadora, obtida durante o trabalho de campo.

Página 26

Casas no Vale do Reginaldo I

Fonte: Fotografia da pesquisadora, obtida durante o trabalho de campo.

Página 27

Casas no Vale do Reginaldo II em contaste com os prédios do bairro Farol.

Fonte: Fotografia da pesquisadora, obtida durante o trabalho de campo.

Página 37

Mapa dos bairros por onde o Riacho Salgadinho passa

Fonte: CALIXTO, Fernanda Karoline Oliveira. **O tratamento jurídico dos desastres urbanos ambientais na perspectiva da sociedade de risco: O caso do Vale do Reginaldo em Maceió/AL.** 2013. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Alagoas, Maceió- AL, 2013

Página 39

Riacho Salgadinho em seus primórdios.

Fonte: WWW. blogdojosemarques.wordpress.com/tag/riacho-salgadinho

Página 39

Primeiras ocupações de casas no Vale do Reginaldo e o Riacho Salgadinho

Fonte: WWW.turmadoflamenguinho.blogspot.com.br/2014/01/maceio-de-anteontem-de-ontem-e-de-hoje

Página 40

Vale do Reginaldo nos dias atuais e a situação do Riacho com as tubulações de esgoto

Fonte: Fotografia da pesquisadora, obtida durante o trabalho de campo.

Página 41

Casas ligadas aos paredões e seus esgotos dentro do Riacho

Fonte: Fotografia da pesquisadora, obtida durante o trabalho de campo

Página 42

Animais criados ao lado do Riacho

Fonte: Fotografia da pesquisadora, obtida durante o trabalho de campo.

Página 47

Gráfico com os índices de violência apontando Maceió como a capital mais violenta do Brasil

Fonte: www.g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/07/mapa-da-violencia-2013-aponta-maceio-como-capital-mais-violenta

Página 48

Reportagem da Folha de São Paulo sobre a situação da violência em Alagoas

Fonte: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/100252-a-mais-violenta-maceio-tem-areas-proibidas.shtml

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma pesquisa em uma área discriminada socialmente e esquecida da cidade de Maceió. O Vale do Reginaldo situa-se entre os bairros do Poço, Farol, Feitosa e Jacintinho. Mesmo estando tão próximo de bairros comerciais, populosos e de alto padrão, o Vale é rejeitado pelas pessoas que passam diariamente por ali. Muitas pessoas carregam consigo uma idéia já configurada do que se possa encontrar ao entrar no Reginaldo. Ao invés de descobrir uma “nova” realidade, perpetuam uma idéia sobre tal.

O Vale sofre preconceito de moradores que apenas ouvem suas histórias no noticiário local, ou pelas ruas da cidade. Muitas pessoas nunca entraram lá, mas detalham com “precisão” como é a violência no local, como são tratados os moradores pelos traficantes e policias. As histórias que são passadas adiante na maioria das vezes não privilegiam o bairro, mas o torna um lugar cada vez mais estigmatizado com uma imagem exagerada e deturpada.

Inicialmente, quando pensamos em estudar a comunidade logo nos vem á mente questões como violência, criminalidade, drogas, mas nunca paramos para olhar a história que este bairro carrega. Sem deixar de lado esses aspectos, olhamos para a memória dos moradores do Vale, para entendermos aquilo que só é inteligível aos que saem da esfera do olhar e partem para o ouvir. Para isto utilizo Maurice Halbwachs(2006) para pensar como as memórias individuais, que se introduzem na memória coletiva, constroem a historia do local.

Para se entender o Reginaldo é preciso ir além do asfalto. Quando digo isto, penso nas vezes em que, caminhando para chegar ao Vale deixei as belas ruas asfaltadas, com seus prédios comerciais luxuosos que cercam todo local, para descobrir o mundo que se esconde por trás do asfalto escaldante.

Mesmo tendo realizado minhas pesquisas em um curto espaço de tempo, considero que minha observação em relação o Reginaldo não começava naquela tarde em que me sentei com meu primeiro interlocutor. Minhas análises, ainda que nada científicas, começaram quando descii a primeira vez as escadarias que dão acesso ao Vale do Reginaldo no ano de 2012.

Esta pesquisa antropológica teve como base o método etnográfico, com a realização de observações no local e entrevistas com moradores do Vale do Reginaldo. Durante a realização dessa pesquisa contei com seis interlocutores. Inicialmente todos concordaram em ter seus nomes e imagens publicados neste TCC. No decorrer das pesquisas preferi manter sigilo sobre a identidade dos meus interlocutores, ciente de que muito do que me foi dito lá dentro pode comprometê-los. Devido a este fato troquei os nomes por nomes fictícios.

No primeiro capítulo apresentarei de forma mais metodológica os percalços encontrados ao longo de toda pesquisa desde minha escolha do campo de estudo, até minha entrada no Vale. Já neste primeiro capítulo mostrarei as disparidades que me deparava em cada entrada no Vale.

No segundo capítulo foco em apresentar o Vale do Reginaldo de uma forma que seja possível o leitor sentir um pouco do que é estar lá dentro. Com uma descrição detalhada do local e sempre voltando-me para as memórias individuais e coletivas dos moradores, busquei em um primeiro momento expor aquilo que meus olhos viam, depois detive minha escrita naquilo que ouvi de meus interlocutores. Por fim, privilegiei um subcapítulo sobre o Riacho Salgadinho, pois percebi que a memória daquele povo estava intimamente ligada ao Riacho.

No terceiro e último capítulo abordei a violência dentro do Reginaldo Sendo este um tema muito debatido no meio da sociedade, busquei mostrar este tema de um novo ângulo. Abordo a forma como os moradores do Vale são estigmatizados e os obstáculos que a difusão do medo, através da mídia e de seus próprios moradores, criaram para o local. É notório que as memórias que circulam no local são cheias de dores e abusos.

1. A ESCOLHA DO CAMPO DE ESTUDO

Uma das perguntas mais ouvidas ao longo desse trabalho, foi o porquê da minha escolha do Vale do Reginaldo, na cidade de Maceió, para ser meu campo de pesquisa. Sendo eu de uma região tão rica em histórias e belezas, como Coruripe, para muitos não era compreensível minha afinidade com um lugar tão distante e tão desprezado socialmente. Acredito que não fui a primeira a viver estas indagações corriqueiras. Penso nas vezes que perguntas como estas também foram feitas à Malinowski e tantos outros pesquisadores.

Talvez fosse mais cômodo permanecer em minha “zona de conforto” e escolher um campo de estudo mais próximo, menos perigoso, com pessoas conhecidas, onde meu acesso aos interlocutores seria mais fácil. Mas a escolha do meu campo de estudo deu-se quando ainda nem pensava em escrever meu TCC: em 2012 ao trabalhar com uma organização não governamental, Jovens Com Uma Missão- JOCUM¹. Nesta organização, fazia parte de um projeto social que trabalhava com crianças carentes dentro do Reginaldo.

O foco inicial das pesquisas eram as memórias dos moradores do Vale do Reginaldo. Pensando em todo processo de estigmatização que os moradores sofrem por pertencer ao bairro, pensei como seria interessante deixar de lado pontos como a violência, as drogas, etc, e focar na história do local. Assim que pensei em pesquisar o Vale do Reginaldo, tinha uma certeza em mente: não falaria especificamente sobre a violência no local. Certa de que este é um assunto muito vinculado ao bairro, tentei trazer uma nova visão sobre o local. No entanto, no decorrer das entrevistas notei que seria quase impossível não tocar neste assunto. A violência era um assunto recorrente nas falas de meus entrevistados. Além disso vale ressaltar que minha entrada no bairro se deu através de um projeto social que trabalhava especificamente com crianças muito carentes e através destas meus olhos sempre voltaram-se para a violência no local.

¹ Jovens Com Uma Missão é uma Missão internacional e interdenominacional, empenhada na mobilização de jovens de todas as nações para a obra missionária. Jovens Com Uma Missão reúne pessoas diferentes para trabalhar nas mais diferentes atividades evangelísticas. Entre os missionários, podem ser encontrados jovens, famílias, aposentados, universitários recém-formados e pós-graduados, pessoas vindas de mais de 100 países e denominações evangélicas diferentes.

Atualmente as cidades urbanizadas deixaram de ser apenas um meio onde o pesquisador habita e passaram a ser o objeto de estudo destes. A antropologia urbana desenvolve pesquisas em diversas áreas do meio urbano, desde as diversas tribos urbanas até as comunidades carentes. Essas comunidades têm despertado em muitos o desejo de desvendar o mundo que está além dos nossos olhos. Como afirma a antropóloga Cláudia Fonseca (2004),

A particular configuração que deu origem à sociedade de classes no Brasil tem promovido contextos em que a extrema precariedade das condições de vida - as moradias “irregulares”, a alta taxa de mortalidade por doença, a instabilidade crônica de emprego- soma-se às formas arbitrárias de poder, criando uma visão de mundo particular. (FONSECA, 2004, p.207)

Para realizar esta pesquisa, utilizei referenciais próprias da antropologia urbana para pensar o Reginaldo. O Vale do Reginaldo é um campo muito fértil para pesquisas antropológicas. O local possui uma história que se entrelaça com a história dos seus moradores. A antropóloga Eunice Durham(2004) faz um apanhado de como a antropologia urbana tornou-se um ponto-chave nas pesquisas atuais :

Essa recente popularidade da antropologia se deve também ao fato de que as pesquisas concentram-se em grande medida em temas de interesse geral imediato - não apenas os costumes exóticos das tribos indígenas (embora esses constituam também uma leitura fascinante), mas muito do que é cotidiano e familiar em nossa sociedade urbana ou que constitui reminiscência de um passado recente: os hábitos e valores dos moradores de Copacabana tanto quanto o modo de vida dos bairros a periferia, das favelas e das comunidades rurais; o candomblé, a umbanda e o pentecostalismo ao lado do catolicismo tradicional e das comunidades de base da Igreja renovada; a família operária e das camadas médias; os movimentos sociais urbanos e as formas de lazer popular; o feminismo e a sexualidade. Estamos, em suma, produzindo uma nova e intrigante etnografia de nós mesmos. (DURHAM, 2004, p. 359)

No primeiro momento da pesquisa, utilizei apenas a observação para uma primeira coleta de dados. Caminhar pelo local fazendo fotografias, já me fazia localizar e identificar grupos que ali estavam. Em alguns momentos senti-me acuada em fotografar alguns pontos do Vale do Reginaldo. Nitidamente alguns lugares lá dentro são mais perigosos e caminhar sozinha pelas ruas do Vale com uma máquina fotográfica na mão, poderia me trazer algumas

complicações. Em alguns momentos me vi confrontada com que José de Souza Martins relata em seu livro “Sociologia da fotografia e da imagem” (2009):

O antropólogo e o sociólogo sempre dirão que querem fotografar as pessoas em situações em que aparecem como elas são verdadeiramente. Mas as pessoas podem dizer, com razão, que seu verdadeiro modo de ser está naquilo que querem ser e acham que são, e não naquilo que aparentam na intimidade ou fora dos cenários de ostentação, naquilo que o pesquisador acha que é sua autêntica verdade. (MARTINS, 2009, p.49)

Muitas vezes as fotografias foram de certa forma manipuladas pelos interlocutores da pesquisa. Meus entrevistados sempre estavam bem vestidos em nossas entrevistas e sempre que lhes pedia pra tirar uma foto, estes tentavam aparentar ao máximo que estavam felizes. Não pude utilizar estas imagens de meus informantes pois no decorrer da pesquisa os assuntos aqui abordados tomaram uma direção em que sua exposição poderia ser comprometida.

A escolha dos informantes é essencial para minha pesquisa. William Foote-Whyte (1980) mostra como relações sociais que serão traçadas entre o pesquisado e o pesquisador são importante para que uma pesquisa seja bem sucedida:

Descobri que a minha aceitação no bairro dependia muito mais das relações pessoais que desenvolvesse do que das explicações que pudesse dar.[...] Aprendi logo cedo na minha estada em Cornerville, a importância crucial de obter o apoio de indivíduos-chaves em todos os grupos ou organizações que estivesse estudando. (FOOTE-WHYTE, 1980, p. 79)

Como busco entender a memória dos habitantes do Vale, procurei informantes de todas as idades. Desde de senhores de idade que viram as transformações acontecendo no local, até jovens que nasceram lá ou mesmo que já possuem um certo tempo de moradia no Reginaldo. Busquei conversar com pessoas de gerações diferentes, pois considero importante analisar a fala de cada geração sobre o local. Não podemos desconsiderar fatores externos que irão influenciar na memória individual. As mudanças ocorridas ao longo dos tempos, como a chegada de novos moradores no bairro, irão trazer mudanças para o meio social, mas também para os moradores.

Ficou nítido em minhas entrevistas que cada grupo de gerações diferentes, possuía uma ideia sobre o Reginaldo. Os mais antigos me passavam a sensação de um Reginaldo um tanto calmo e romântico, de décadas atrás onde as pessoas se banhavam e pescavam no Riacho Salgadinho. As mudanças ocorridas lá dentro deixaram marcas em suas memórias,

mas isto não lhes faz perder a admiração pelo local. Já os mais jovens possuem uma memória mais recente, onde a violência e o medo fazem parte de suas memórias.

Nesta pesquisa realizei a coleta dos dados através da entrevista semi-estruturada. Para Maria Isaura Pereira Queiroz (1988), “A entrevista semi-estruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos.” (Queiroz, 1988, pp.22) .Tive o cuidado de não influenciar os entrevistados com minhas perguntas ou até mesmo as falas que surgiam no decorrer da conversa. Como nos apresenta Bourdieu (2008):

Quanto à formulação das questões o pesquisador deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrarias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas devem ser feitas levando em conta a sequência do pensamento do pesquisado, ou seja procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado. Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembra parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado (BOURDIEU, 1999, p.47).

Devido o difícil acesso ao bairro, entre outros fatores, como a recusa de alguns moradores a entrevista, minhas entrevistas duravam não muito mais que uma tarde. Aaron Cicourel (1980), ao falar sobre os métodos em pesquisa de campo explica que:

O papel do observador-como-participante é usado em estudos em que se usa entrevistas numa só visita. Exige relativamente mais observação formal do que informal ou qualquer espécie de participação. Também resulta num risco menor de “virar nativo” do que o risco inerente ao papel do participante total ou de participante- como observador. No entanto, visto que o contato entre o observador-como-participante e o informante é tão curto e talvez superficial, é mais provável que ele compreenda mal o informante e seja mal compreendido por este do que os outros dois o façam. (CICOUREL, 1980,p. 93)

Esse curto contato possui dois lados. Positivamente podemos pensar na distância que vai existir entre o pesquisador e o entrevistado. O risco de minhas pesquisas sofrerem influência do meu envolvimento com o grupo é menor. Em contrapartida, podemos errar ao fazer uma leitura muito superficial daquilo que nos foi dito em uma entrevista. O envolvimento com o objeto de estudo é algo corriqueiro nas ciências sociais. Gilberto Velho (1997) nos mostra que:

Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a necessidade de uma distancia mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. (VELHO, 1997 pp 123)

Inicialmente busquei reunir o máximo de informações sobre o local, suas histórias buscando trabalhar o máximo de suas memórias e, em especial, sobre o Riacho Salgadinho. Mas no decorrer da pesquisa percebi que em todas as falas havia um fator comum: a violência. Percebi que muito mais do que falar do Riacho, aquelas pessoas queriam denunciar ou até mesmo desabafar uma violência que invade suas memórias diariamente. Eu não poderia tampar meus ouvidos para esta realidade, a cada pergunta feita, a cada momento lembrado, eles sempre lembravam de algum ato de violência, seja ele simbólico ou físico. Dessa forma minhas entrevistas tomaram um rumo diferente, ao invés de interromper as falas sobre a violência e ficar sempre tentando saber detalhes sobre o bairro em si, deixei que suas memórias me conduzissem a períodos e fatos que só aqueles moradores vivenciaram.

Olhar para este lugar e não pensar em suas esferas sociais, seus personagens, suas memórias, suas histórias é como negligenciar a oportunidade de ter acesso a este e ficar de braços cruzados diante de tamanha riqueza. Talvez seja tamanha ousadia minha chamar esses fatores citados acima de riqueza. Mas não fugindo da realidade, nem tentando ser romântica demais, enxergo os problemas sociais que envolvem este lugar e ao invés de simplesmente enxergá-los e ser mais um crítico, prefiro dedicar a este lugar um olhar diferenciado.

1.1 A ENTRADA

Entrar lá nunca foi uma tarefa tão simples. Não era simplesmente descer as escadarias e chegar ao ponto onde ocorriam as atividades sociais. A cada encontro com o bairro meus olhos e meu inconsciente defrontavam-se com uma triste realidade. Meninos ainda tão novos envolvidos com drogas, meninas muito jovens e já brigando nas ruas por namorados e muitas destas já sendo mães, vizinhos gritando na porta de suas casas seus problemas e o mais comum, adolescentes e jovens sentados em grupos usando drogas e vendendo. Essa era uma Maceió desconhecida para mim.

Até então, o que conhecia do Vale do Reginaldo era de ouvir falar, nunca havia ido lá. Lembro-me como hoje do que meus olhos avistaram quando entrei em uma viela de chão de barro no bairro do Farol. Era outro mundo dentro da mesma cidade. Com suas escadarias gigantescas e suas casas, uma empilhada na outra, foi assim que meus olhos avistaram o Vale do Reginaldo pela primeira vez. Na imagem abaixo é possível perceber a proximidade entre o bairro do Farol, que é visto como um local de pessoas de classe alta e o Vale do Reginaldo. O percurso no meio do grifo vermelho, é toda extensão do Vale do Reginaldo que possui escadarias com acesso ao bairro do Farol:

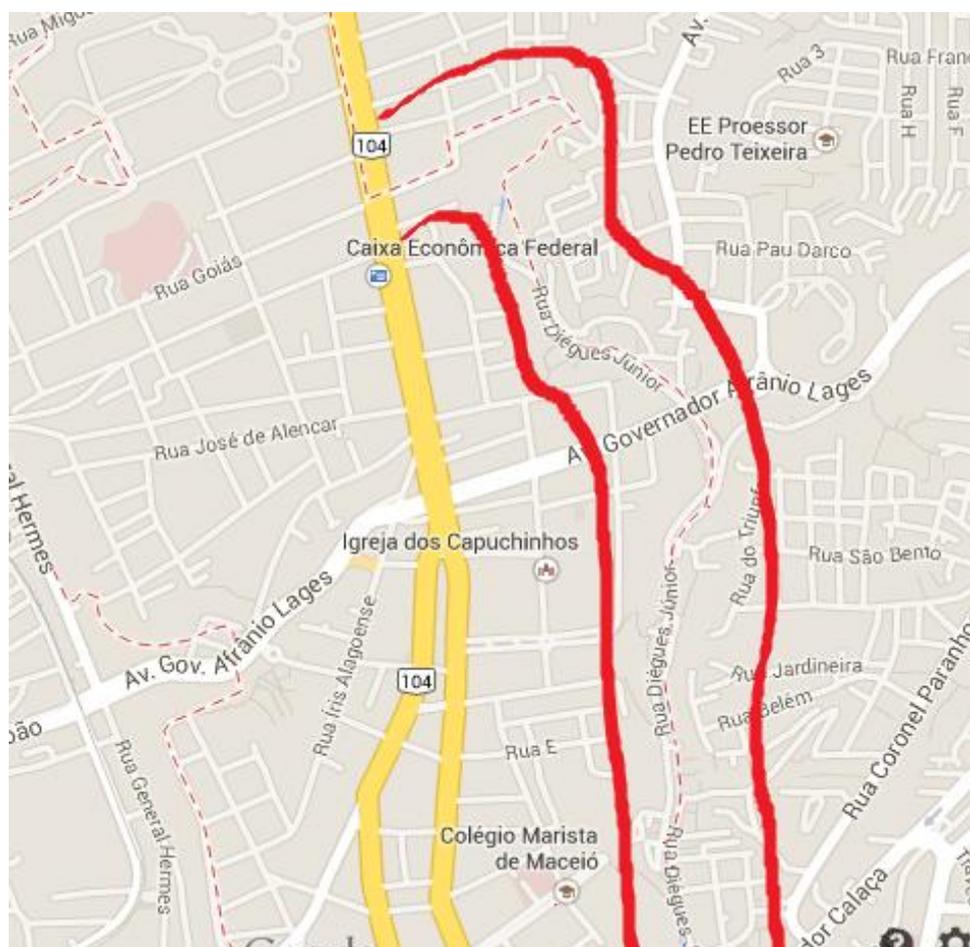


Imagem 1

Vale ressaltar que o Vale do Reginaldo não é considerado um bairro de Maceió, por mais que muitos o considerem. Em qualquer pesquisa realizada não será encontrado em nenhum mapa o Vale do Reginaldo. Ele será reconhecido nas pesquisas como a Rua Diéguas Júnior do bairro Poço, como pode ser visto no mapa abaixo:

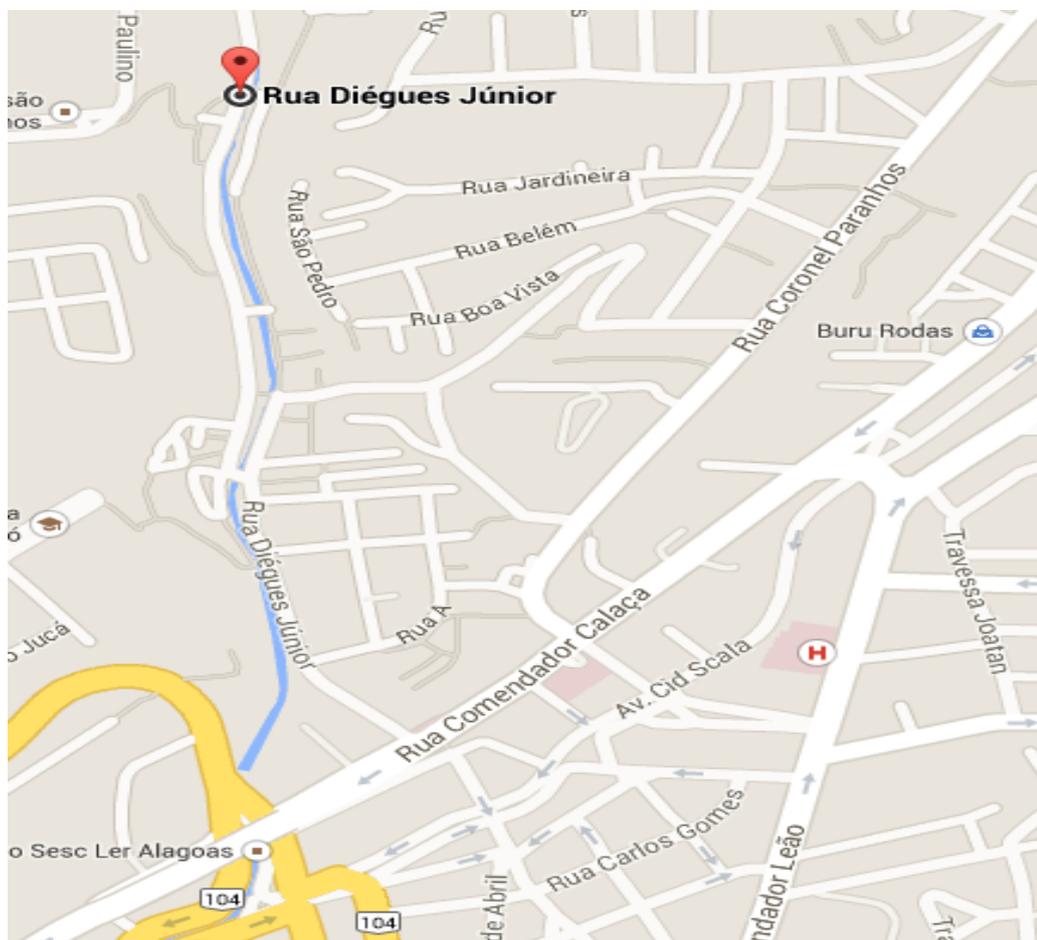


Imagem 2

Uma coisa muito comum em nós, observadores do “outro”, é o medo do que possa nos esperar. Sendo o Vale do Reginaldo um local não tão simples de se ter acesso, um certo receio nos acomete antes de entrarmos lá. Como pesquisadores, deixamos de lado nossos conceitos e preconceitos e “invadimos” o território do “outro”. A cada nova imersão no bairro, era um novo desafio para mim. Talvez o meu maior desafio fosse vencer o mesmo medo que a antropóloga Alba Zaluar sentiu ao entrar na comunidade Cidade de Deus para realizar suas pesquisas antropológicas:

A sensação mais forte que eu tive naquele momento foi a de medo. Não o medo que qualquer ser humano sente diante do desconhecido, mas o medo construindo pela leitura diária dos jornais que apresentavam os habitantes daquele local como definitivamente perdidos para o convívio social, como perigosos criminosos, assassinos em potencial, traficantes de tóxico, etc. Apesar de saber que essa campanha não era senão a continuidade de um

processo de longa data de estigmatização dos pobres, eu tinha medo. (ZALUAR, 2000, p. 9-10)

Mas nem sempre nossa entrada é bem vista pelos que estão lá dentro. Enquanto um grupo abre-se totalmente aos questionamentos e dúvidas do pesquisador, outros grupos fecham-se e não deixam ninguém entrar em seu território simbólico. O Vale do Reginaldo não possui divisões estabelecidas visivelmente, mas todos sabem que certos grupos irão delimitar até onde o “estranho” pode ou não avançar. Se olharmos de outro ângulo, iremos perceber que não é simplesmente a sociedade ao redor do Vale que se fecha em seu mundo e marginaliza estes. Mas certos grupos locais irão também se fechar e não deixar que ninguém se aproxime da sua realidade. Não podendo nos aproximar destes grupos, ficamos apenas com as impressões que a mídia nos passa sobre estes.

Em minhas primeiras visitas ao Vale e ainda sem pensar em escrever sobre o mesmo, no ano de 2012, deparei-me enquanto caminhava pelo bairro do Farol, um local conhecido por sua classe elitizada e seus belos prédios projetados com uma arquitetura exuberante, com uma estradinha de barro que dava acesso a algum ponto. Dessa estrada saíam pessoas com um estereótipo totalmente diferente do ambiente do bairro. Bastou-me alguns passos adiante para descobrir o mundo que estava por trás dos belos prédios. Escadarias gigantescas, mal projetadas, casas empilhadas umas nas outras, esgoto a céu aberto, ruas de barro, animais espalhados pelas ruas... Era esse cenário que meus olhos avistavam. Naquele momento tive a sensação de não estar mais em Maceió, mas cada vez que descia as escadarias e olhava com um olhar de cautela e medo os becos e corredores que saíam das escadarias, tinha a sensação de estar revivendo as cenas que só havia visto em filmes que mostravam as favelas das grandes cidades.

A jovem que me apresentava o local, sendo esta ex- moradora do bairro, não me poupou de suas tristes historias sobre a comunidade. Assim que começamos a descer as escadarias, ela me informou que aqueles becos e corredores, alguns quase sem fim, eram projetados propositalmente pelos traficantes do local. Quando a polícia invade o bairro, aqueles becos servem de fuga para os traficantes. Em cada ponto que passávamos, era como se aquela jovem lembrasse de algum acontecimento que havia ocorrido no local. Nosso percurso foi marcado de frases: “Aqui um dia amanheceu um homem morto...”, “Um dia assim que acordei a policia tinha acabado de matar um aqui...”.

Mesmo entrando no Vale com esta jovem, que era conhecida no local e atualmente fazia parte do mesmo Projeto social ao qual eu participava, nossas descidas eram desafiadoras para mim. Muitas vezes, enquanto nos preparávamos para descermos as longas escadarias, quase que como uma reza ela me avisava: “Guarda o celular... A máquina fotográfica... Dê bom dia pra todos... Se ouvir tiro, se abaixe!”. Eram essas as recomendações de alguém que tanto conhece o Vale.

Estar com algum adereço que lhe remetesse ao projeto social era um código para que os jovens que ali passavam o dia vendendo drogas soubessem que eu não fazia parte de nenhuma gangue. Depois que os moradores já me reconheciam como alguém que estava ali para ajudar a comunidade, não precisava mais entrar acompanhada. Mas uma coisa sempre nos acompanhava em nossa jornada dentro do Reginaldo: o medo. Agora meu medo não era mais dos moradores, mas das ações que ali ocorriam. A coisa mais comum era ouvirmos os relatos das crianças que faziam parte do projeto, sobre histórias de policiais que invadiam suas casas, que entravam na comunidade e batiam em quem tivesse na frente ou até mesmo testavam suas armas em locais públicos. Esse era o medo que me perseguia, o medo de que algum dia fosse vítima desse abuso de poder.

Durante um ano entrei e sai de lá como uma simples observadora. Alguém que vê o que acontece ao seu redor, choca-se e não consegue entender o que se passa ao seu redor. Quando retornei ao Vale em 2013, agora na condição de pesquisadora, pude trazer novas reflexões para acontecimentos cotidianos com os quais já estava tão acostumada.

Em minhas entrevistas fiz o percurso para se chegar ao Vale por dois lugares, ora entrava pelo bairro do Farol ora pelo bairro do Poço. Sempre tive mais liberdade para entrar pelo bairro do Farol, pois o projeto social ao qual fazia parte situava-se na segunda parte do Reginaldo. Descendo por essa entrada tinha acesso á segunda parte do Vale, local onde muitos moradores da primeira parte consideravam muito perigoso. Para mim, mesmo esta segunda parte sendo considerada violenta e perigosa, sempre me senti mais segura andando por lá.

Em meu primeiro encontro com os interlocutores tive a possibilidade de entrar pelo bairro do Poço. Esse bairro é conhecido por seus centros profissionalizantes e pela diversidade de estabelecimentos comerciais. Por ali, varias pessoas de diferentes classes sociais transitam, pois o bairro é a principal ligação entre os bairros da Pajuçara e Ponta

Verde² ao centro da cidade. Essa primeira parte do Vale é conhecida para muitos como uma extensão do bairro do Poço.

Em minha primeira entrevista fui guiada pelo Reginaldo pelo irmão da jovem que conheci pelo projeto social. Ricardo Jatobá, um jovem de 26 anos que mora no bairro desde que nasceu. O jovem faz parte de uma igreja evangélica, Assembleia de Deus, que fica localizada lá dentro. Nos encontramos no local marcado, Praça Bonfim, e logo fomos nos dirigindo ao Vale. Este guiou-me para meus primeiros informantes. O jovem trabalha um horário em um bairro vizinho, por isto, só pudemos nos encontrar no período vespertino, e ainda assim tivemos que adiar alguns encontros devido a suas tarefas com a igreja ao qual faz parte.

Como ainda não conhecia essa primeira parte do Vale, tudo para mim ali era novo. Ao entrar tive a sensação de estar em uma cidade do interior, onde tipicamente você encontra pessoas sentadas na porta de suas casas, roupas estendidas em arames farpados, animais para todos os lados, etc. Lá não é diferente. As mulheres ficam sentadas nas portas de suas casas, basta um estranho chegar ao local que seus olhos não disfarçam a curiosidade. Além das mulheres, alguns jovens, que por alguns moradores são designados como “marginais”, “traficantes” e “aviõezinhos”³, sentam-se em rodinhas embaixo das sombras das árvores.

Quando entrava pelo bairro do Poço, também precisava estar acompanhada por um informante para que os moradores soubessem que eu não fazia parte de nenhuma gangue. Quando entrei pela primeira vez por essa parte, tive a sensação de estar desprotegida, pois ali, mesmo estando com a farda do projeto, as pessoas não me reconheciam, já que o projeto localizava-se na segunda parte, logo só era conhecido pelos moradores daquela região.

Mesmo já conhecendo o bairro e algumas de suas histórias, quando retornei para realizar minhas pesquisas entendi o que Cardoso de Oliveira (2000) queria nos passar ao falar sobre o olhar antropológico em campo:

² Os bairros Ponta Verde e a Pajuçara são habitados por camadas médias e altas, além de serem conhecidos por suas praias que atraem turistas de toda parte.

³ É comum os traficantes dos bairros escolherem alguns jovens menor de idade para levar droga de um lugar para outro. Estes jovens são conhecidos como aviõezinhos. Segundo a antropóloga Teresa Caldeira (2000), “O tráfico de tóxicos oferece, de fato, aos jovens com dificuldades com mercado de trabalho, a oportunidade de ganhar dinheiro que aumenta a proporção que sobe na hierarquia dessa vasta rede organizada do tráfico. Em linhas gerais, essa hierarquia funciona do seguinte modo: o traficante é aquele que tem capital para comprar grandes quantidades da droga, seja diretamente do produtor, seja de seus grandes distribuidores.[...]O avião é o que vai até o freguês, ou melhor, o que aponta o freguês, ou melhor, o que “aponta o freguês” para o vapor, e ao mesmo tempo, vigia a polícia.” (CALDEIRA, 2000, pp. 151)

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo-esteja na domesticação teórica do seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. (Oliveira, 2000, p 19)

Quando se “está lá” com um olhar etnográfico, nossa visão do objeto torna-se outra. Agora os acontecimentos que me rodeavam ganhavam um novo sentido. As crianças nas ruas eram vistas agora por um novo ângulo. Os jovens sentados nas portas em grupos, já não eram apenas participantes de uma gangue, para mim eles eram personagens de uma trama. Uma trama que liga seus moradores à violência, seja esta física, como a sofrida pelos jovens que tem seus corpos violados, ou a violência simbólica, como a sofrida pela dona de casa que tem seu lar invadido por policiais e é obrigada a ouvir as piores ameaças.

Entre os belos prédios e o asfalto escaldante da cidade de Maceió, o Vale do Reginaldo apresenta-se a nós como um lugar diferente e exótico. Os bairros que o rodeiam carregam suas próprias histórias, alguns conhecidos por serem bairros de elite, outros por serem bairros populosos, mas o Vale do Reginaldo não envolve sua história com a dos bairros que o cercam. Basta olhar para dentro do Reginaldo para perceber que aquele local carrega sua própria história. História essa que é bem contada por seus moradores, como veremos no próximo capítulo.

2. OS VALES DO REGINALDO

2.1 Divisões simbólicas a partir do imaginário dos moradores

Localizado vizinho a bairros muito conhecidos e de localização estratégica em Maceió, o Vale do Reginaldo é um ponto onde inevitavelmente diariamente pessoas passam muito próximo á ele. O Reginaldo faz fronteira com bairros como o Farol, Feitosa, Jacintinho e Poço. O Vale possui uma localização central na cidade. Os moradores da cidade, para se deslocarem do bairro do Farol para o Feitosa, precisam passar pelo Reginaldo. Para se chegar a bairros comerciais, como é o caso do Jaraguá ou da Ponta Verde, as pessoas passam muito próximo ao Vale.

O Vale do Reginaldo não possui divisões visíveis em sua extensão, mas seus moradores marcaram pontos específicos para dividi-lo em três partes. São estes, o Vale do Reginaldo I, que é considerado a parte mais segura, o Vale do Reginaldo II que já é vista como a parte mais violenta e perigosa e o Vale do Reginaldo III que é conhecido pelos seus sítios e esconderijos de traficantes. Para poder trafegar no local eu precisava sempre de alguém que me desse acesso a essas partes. Por não conhecer ninguém da terceira parte, pude apenas trafegar nas duas primeiras partes.

Como a terceira parte é o principal ponto onde os traficantes vendem drogas, meu informante considerou perigoso demais nossa entrada lá, pois era comum a polícia fazer sempre batidas no local e nós poderíamos ser confundidos com traficantes. Os moradores das duas primeiras partes dividem-se de acordo com a ponte que liga o bairro do Farol ao bairro do Feitosa, como mostra a fotografia abaixo:

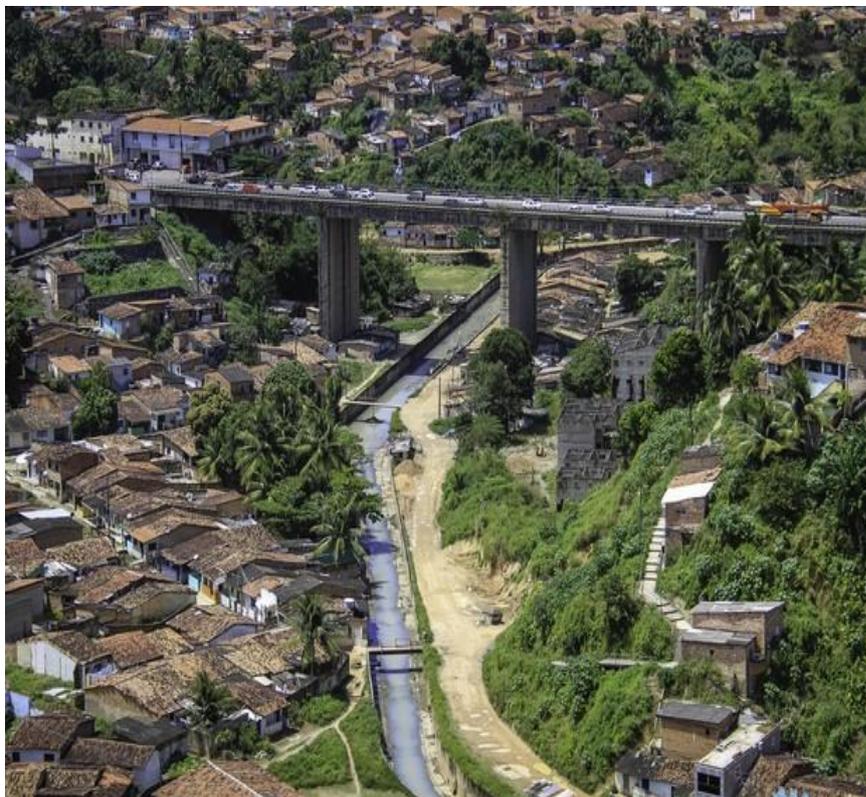


Imagem 3

Como é possível notar na imagem acima, a ponte que separa o Vale do Reginaldo I do Reginaldo II, possui várias casas construídas ao seu redor. Esta ponte é conhecida por ser um local onde muitas pessoas suicidam-se. Lembro de uma manhã de sábado quando chegava ao Projeto Aprender⁴ e fui surpreendida com uma triste história. Uma das crianças, um tanto assustada contava que durante a madrugada uma mulher havia caído na cozinha de sua casa e com muita raiva ele salientava que a mulher havia amassado as panelas de sua mãe. Episódios como esse se repetem no Reginaldo quase que semanalmente.

Chama-se de Vale do Reginaldo II toda parte após a Ponte. Os moradores identificam o começo do Vale do Reginaldo III a partir de uma ponte. Para nós que não moramos no local é quase impossível conseguir identificar qual seria esta ponte. Em toda extensão do Vale

⁴ Projeto da ONG JOCUM, onde são realizados trabalhos educativos com as crianças do Vale do Reginaldo. Além dos trabalhos que são realizados todos os sábados, são realizados também ações sociais, com a função de alcançar os pais dessas crianças.

existem várias pontes que passam pelo riacho. Para se ter acesso ao lado do Vale do Reginaldo II era possível fazer o percursos por duas entradas. Para mim, era mais comum entrar pelo bairro do Farol onde descia as escadarias e já estava no Reginaldo. Outras vezes descia pelas escadarias do bairro Feitosa. Nesta parte, além das escadarias estarem mais desgastadas, chegando ao ponto de algumas partes não terem mais degraus só restando o barro, essa escadaria era um pouco perigosa por ter poucas casas.



Imagem 4

Caminhando pelas duas partes do Reginaldo ficou nítido que a primeira parte do bairro é bem mais estruturada. Lá ficam a maioria dos pontos comerciais além da sede do correio, o posto de saúde, as escolas e a igreja católica. As casas daquela parte são maiores e visivelmente mais estruturadas. Na maioria dos casos, elas possuem cerâmica no chão, algumas possuem grades em suas varandas, outras com vidros em suas portas e janelas.



Imagem 5

No Reginaldo II as casas são bem menores. Na verdade não podemos chamar de casas e sim cubículos. Famílias inteiras, com cinco, seis ou mais familiares, dividem uma sala, um quarto, uma cozinha e um banheiro. Nesta parte é muito comum encontrarmos grupos de jovens sentados usando ou vendendo drogas. As ruas são cheias de ligações clandestinas de energia. Esta parte conta com a apenas uma igreja, Assembléia de Deus, e uma mercearia que fica o dia inteiro trancada nas grades, devido o medo de assaltos. Nas duas partes é possível perceber as disparidades entre o Vale e os bairros ao redor. Mas ao entrar no Vale do Reginaldo II essas disparidades ficam muito mais visíveis para nós. Talvez devido ao fato da precariedade das habitações ser mais visível lá, ou pelo fato desta parte estar muito próxima ao bairro Farol, acentuando os contrastes entre as habitações. Basta levantar os olhos e o seu

mundo não é mais os cubículos, o riacho poluído, as drogas, mas sim os prédios luxuosos de arquitetura exuberante.



Imagem 6

2.2 O Reginaldo e seus moradores

Em minha primeira saída a campo, no Vale do Reginaldo I, o primeiro informante ao qual Ricardo me conduziu para fazer a entrevista foi o “irmão” João, como é conhecido no bairro, um senhor de 80 anos que é tido pelos moradores como o mais antigo do local. Como um fiel seguidor da igreja a qual faz parte, a Igreja Assembléia de Deus, Seu João não poderia me encontrar de outra forma senão com seus trajes “típicos” dos adeptos desta denominação: calça social e uma camisa fina com alguns botões desabotoados, eram seu vestuário naquele tarde ensolarada. Confesso que quando Ricardo me informou que havia um senhor muito antigo na comunidade e que o mesmo já havia participado de outras pesquisas sobre o bairro, fiquei um pouco apreensiva. Não sabia como seria a comunicação com ele, tinha medo de que o mesmo não entendesse minhas perguntas e tornasse a entrevista inviável. Mas no

decorrer da conversa, me surpreendeu com a vitalidade e facilidade e comunicar-se. O senhor não me poupou de suas histórias desde sua infância até os dias atuais. Sempre com um sorriso no rosto, seu João respondeu a todas as perguntas, sem hesitar em misturar em suas respostas sua vida pessoal com o que lhe fora questionado.

Como sua casa durante toda tarde recebe o sol, ele preferiu que nos encontrássemos em um bazar comunitário organizado pela igreja da qual faz parte. Nos sentamos na porta de entrada e ficamos ali conversando. As pessoas que passavam na rua projetavam seus olhares para nós, como se perguntassem o que estava acontecendo ali. Em alguns momentos da entrevista as pessoas chegavam a parar do lado para ouvir do que se tratava. Mas isso não atrapalhava a entrevista, e logo ele continuava a me responder.

Como em toda pesquisa de campo, estamos sujeitos a sair de um dia de entrevistas sem nenhuma resposta, ou pelo menos, sem encontrar as respostas que tanto esperávamos, comigo não foi diferente. Sendo este meu primeiro contato com as pessoas na comunidade, percebi também que em muitas das falas, ele saía do foco de minhas perguntas para denunciar algum problema social. Quando questionava seu João sobre assuntos, como por exemplo, a poluição do riacho, ele fazia questão de falar sobre a falta de iluminação no local, a falta de transporte público etc. Era como se para eles eu deixasse de ser estudante e pesquisadora, para ser aquela que levaria suas reclamações para o governo. Essas falas e reclamações repetiram-se em todas as conversas que tive lá dentro nesta primeira visita. Como afirma Mariza Peirano (1995);

A experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto sociohistórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram, no dia-a-dia, no próprio local de pesquisa entre pesquisador e pesquisados.” (PEIRANO, Mariza, 1995, pp22)

Muitas vezes temos que nos adaptar às situações que se configuram no cenário em que nos encontramos. Durante minha entrevista com seu João, tive a interrupção do jovem que me acompanhava pelo bairro, Ricardo Jatobá. Por conhecer muito bem os informantes, o jovem sentiu-se a vontade para fazer suas objeções chegando a influenciar nas respostas. Suas interrupções eram tão enfáticas que chegavam a mudar o rumo da conversa. O jovem, por ter uma relação de recusa com o bairro, notória em suas falas, utilizava o informante para que este denunciasse aquilo que ele não podia falar. Já que a entrevista não estava sendo realizada

com ele, o jovem utilizou Seu João como um tipo de porta voz, onde ele fazia perguntas do tipo “E a iluminação aqui dentro? Diga a ela como é o descaso...”, ao mesmo tempo que perguntava já trazia uma resposta embutida.

Nossa entrevista continuou, mas Seu João em algumas de suas falas é bem controverso. Sua opinião sobre a comunidade oscila entre aceitação e rejeição do local. Inicialmente quando lhe pergunto se gosta de morar no Vale do Reginaldo ele me responde:

A gente mora aqui dentro porque a casa já é antiga, e casa própria. Tem que morar, mas que se tenha prazer não... Eu já tive prazer em morar aqui, hoje em dia não to mais com essa paixão, antigamente eu tinha...mas agora com esse abandono! Não!

O que tira o seu desejo em continuar morando ali não é o mesmo fator que distancia a sociedade do Vale. Para nós, simples observadores, o que mais chama atenção quando ouvimos falar sobre o Reginaldo, é a violência. E este fator é o mesmo que nos amedronta e nos causa uma certa rejeição ao local. Mas para Seu João a violência não o incomoda tanto quanto o descaso dos próprios moradores com o bairro. A poluição do Riacho Salgadinho, a poluição das ruas com as “coxias” de animais e a falta de cuidado dos moradores e da própria prefeitura com a coleta de lixo, são pontos que o levam a querer sair dali. Sempre que toca nesses pontos, o desânimo na sua fala é sentido. Terminamos a entrevista e minhas impressões sobre o ancião é de alguém que busca reviver o Reginaldo da década de 60. Como ele mesmo deixou claro em suas falas, um Reginaldo bucólico com ar interiorano, que foi se perdendo no decorrer dos anos.

Inicialmente eu e meu guia Ricardo, havíamos programado nos encontrar naquela tarde apenas com Seu João, mas no decorrer de nossa trajetória pelo Vale, Ricardo levou-me até Dona Mariana Maria, uma jovem senhora de 44 anos que há 21 anos mora no Reginaldo. Entramos em uma viela com muitas casas e lá estava “Mari”, como é conhecida pelos seus amigos, sentada na sala de sua casa assistindo sua novela diária e cuidando de uma de suas netas. Atenciosamente nos recebeu em sua casa e logo Ricardo foi lhe explicando o motivo de nossa visita. Um pouco tímida, começou a entrevista respondendo somente o que lhe perguntava, mas no decorrer na entrevista sentiu-se livre para falar e em alguns momentos com um tom de desabafo.

Começamos a conversar e ela me contou que antes de chegar no bairro ela morava na cidade de Barra de Santo Antônio, próximo à Maceió. Quando questionei o motivo de sua

saída da sua cidade natal para o bairro, a mesma preferiu não comentar o que havia acontecido. Mas ficou nítido em sua fala e fisionomia que algum acontecimento triste mudou a direção de sua vida. Logo ela começou a relatar suas memórias sobre o Vale.

Nesses 21 anos que mora no Vale já morou em 11 casas, sendo que logo que chegou no bairro começou morando na segunda parte e assim foi alugando casas até chegar na primeira parte onde mora atualmente. Dona Mariana é mais uma moradora apaixonada pelo local. Em nossa conversa mesmo expondo os problemas com a violência que o local sofre, ela deixa claro que não sairia dali para lugar nenhum, pois gosta do lugar onde mora. Como ela mesmo deixou claro, ela poderia alugar uma casa em qualquer lugar da cidade, desde que tivesse o mesmo valor do aluguel, mas não faz questão de sair de lá.

Enquanto conversávamos, um amigo em comum de Ricardo e Dona Mariana chegou em sua casa e sem perder tempo entrou na conversa. Ismael do Livramento de 32 anos, mora no Vale do Reginaldo desde seus 5 anos. Com uma fala que se assemelhava a de um locutor de rádio, o jovem tentava a todo custo mostrar um domínio maior que seus amigos sobre o assunto em pauta. Para mim, nossa conversa foi a mais rica de informações dessa tarde. O jovem trouxe-me muitos detalhes sobre a história do Reginaldo.

Inicialmente ele fez várias críticas ao descaso dos governantes para com a comunidade, para ele o local é esquecido pelos políticos. Lembrou de quantas promessas já foram lançadas para os moradores, como o asfaltamento do bairro, a iluminação pública, a construção da creche entre tantas outras promessas. Mas Ismael ressalta que entra ano e sai ano e essas promessas ficam só no papel. Em toda nossa conversa ele vai tentar mostrar que muitos dos problemas que nós vemos no bairro poderiam ser solucionados se os governantes agissem conforme prometem.

Assim como Dona Mariana e Seu João, o jovem também é apaixonado pelo local. Durante nossa conversa, talvez ao perceber que estava apenas me apresentando os pontos negativos do local, Ismael faz questão em apresentar o lado bom do Reginaldo. Ele me conta que pessoas ilustres já fizeram parte do local, como o cantor Djavan. Muito entusiasmado relata-me que seu pai jogava bola no campo embaixo do viaduto do Poço com o cantor e outra senhora da comunidade estudava com o mesmo e sempre lhe conta histórias de quando o cantor escrevia suas canções enquanto os outros meninos jogavam bola. Mesmo com todos os problemas, Ismael diz que nunca pensou em sair dali. Ele diz com orgulho que pretende viver o resto da vida no Vale do Reginaldo, pois o local é muito bem localizado, e como ele mesmo

disse, basta você subir alguma das escadarias para chegar ao centro. Para ele bastaria que os governantes olhassem com outros olhos para o local, valorizando as pessoas dali.

Passados alguns meses retornei para coletar novas informações. Desta vez iniciei as entrevistas conversando com o senhor Marcos Antônio, um senhor de 38 anos que desde nascença vive no Vale do Reginaldo I. Na tarde em que retornei ao Vale buscava encontrar o líder comunitário “Fuscão”, como é conhecido pelos moradores locais. Mas fui informada por alguns moradores e por seu secretário que recentemente tem sido difícil encontrá-lo, pois este estava sempre em deslocamento para a Ceasa, local onde vende suas hortaliças. Mas o secretário da Associação de Moradores local, o senhor Marcos, disse-me que poderia tirar minhas dúvidas com ele, pois seu tio era quem havia fundado aquela Associação e o mesmo detinha muita informações sobre o Reginaldo.

Fui recebida por ele na Associação Comunitária, uma casa alugada muito simples, com uma escrivaninha, duas cadeiras e um ventilador. Inicialmente percebi que o senhor Marcos não estava muito aberto para responder minhas perguntas sobre os problemas vistos lá dentro. Por ter um papel social dentro da comunidade, é possível perceber que em muitas das falas do secretário estava embutido um certo romantismo na descrição do local. Este descreve o lugar como um local pacato e sem violência. Para ele, lá existe violência da mesma forma que existe em tantos outros bairros da cidade.

Querer desfazer um pré conceito que foi lançado na comunidade é algo normal em seus moradores, porém para ele é mais fácil negar a existência de problemas que seus próprios moradores identificaram. Quando lhe questiono se no local existem gangues e se essas brigam entre si, ele me responde que as gangues não existem lá dentro. Para ele tudo que acontece nos bairros vizinhos é lançado para o local, e as histórias que eram contadas do bairro só faziam com que as pessoas de fora da comunidade sentissem medo de entrar lá.

Em nossa conversa ele me relata que nunca sairia do Reginaldo, pois ali é o centro da cidade, como ele mesmo cita “O coração do centro é o Reginaldo”. As pessoas que moram no lugar gostam de morar lá, não existe preconceito dos seus moradores em relação ao local. Ele acredita que muita gente se mantém no local por sua boa localização, mas precisam conviver com o preconceito dos moradores de fora.

Essa idéia da boa localização do Vale também é defendida na tese de mestrado da estudante Fernanda Karoline Oliveira Calixto (2013):

É de se notar que se trata de um espaço privilegiado, ao longo da principal Avenida do Município – Avenida Fernandes Lima - ,

próximo do centro da cidade e da parte baixa, localização com maiores oportunidades de emprego, favorecendo o deslocamento dos indivíduos pela cidade. (CALIXTO, 2013, pp.42)

Sobre as divisões do Reginaldo ele defende a idéia de que não existe parte mais violenta que outra, o Vale é um só. Quando lhe questiono sobre a existência de gangues no bairro, ele foge da minha pergunta e começa a falar sobre a história do bairro. Mas eu volto a questionar sobre as gangues e ele mesmo diz que as guerras que acontecem é entre eles e normalmente os moradores nem chegam a presenciar essas brigas. Ele não acredita que existem grupos que tornem o lugar violento, para ele tudo que acontece nos bairros vizinhos, como o Jacintinho, é lançado para o Reginaldo.

Suas falas, para mim, são um tanto contraditórias se comparadas a de outros moradores. Já percebendo que o mesmo tenta fantasiar a realidade do Reginaldo prossigo minhas perguntas. Eu o questiono se já houve casos de integrantes de gangues quererem assaltar moradores do bairro, e praticamente terminamos nossa entrevista com esta resposta:

Não!... Esses jovens não assaltam, eles só vendem drogas e nem vendem pra os daqui, eles saem pra vender pra classe alta. Aqui é um bairro calmo, quem cria essa imagem violenta daqui são os povos de fora. Você viu?! Você não entrou aqui sozinha?!...Alguém mexeu com você?! Não né!... Se tivesse essas gangues que todo mundo fala ai, você tinha sido assaltada, aqui todo mundo é amigo, você pode andar do I para o II sem medo [Referindo-se ao Reginaldo I e a segunda parte]...

Por perceber o desenrolar da conversa e notar que o secretário poucas informações poderia me fornecer, preferi seguir aquela tarde procurando novos informantes. Antes de ir embora pedi ao Seu Marcos para me indicar algum jovem para conversar, este não me indicou ninguém, muito pelo contrario, me desanimou dizendo que os jovens dali não iriam se abrir para que eu conversasse com eles. Notei que seu receio era que os jovens desfizessem tudo que ele havia dito, sendo mais fácil não me apresentar a nenhum jovem.

Um fato importante para mim no decorrer de minhas pesquisas, foram os novos personagens desta trama ao qual meu informante, Ricardo Jatobá, me levou. Ricardo me levou até a jovem senhora Joana dos Santos. O meu informante conheceu a jovem no período em que esta fazia parte da mesma denominação religiosa a qual ele e o esposo da informante fazem parte. Assim que recebi sua ligação me informando que havia conseguido mais uma

jovem para que eu realizasse minha entrevista, pensei que seria mais uma jovem de sua igreja. Mas a jovem já alguns meses não frequentava mais a igreja a qual seu marido até hoje frequenta.

Esse encontro foi fundamental para que minhas perspectivas sobre o local fossem vistas de um novo prisma. Até então só havia conversado com moradores que fazem parte de determinada religião e isto me fazia ver o bairro de acordo com a visão destes moradores. Dona Joana possuía uma fala totalmente diferente dos demais entrevistados. Particularmente, meu contato com a jovem, foi para mim, o mais interessante. Talvez por suas histórias trágicas que me remetiam a um passado ainda não relatado pelos demais, ou por sua facilidade em comunicar-se, o que facilita o meu trabalho em campo.

Após subir as longas e cansativas escadarias, algumas tão estreitas que não era possível apoiar meu pé nelas, cheguei a casa de minha informante e a mesma já me esperava na porta. Quando cheguei em sua casa fui recebida com um sorriso no rosto e um ar de ansiedade. A jovem senhora de 30 anos nasceu e se criou no bairro. Seus pais moraram grande parte no local e tiveram todos os filhos lá. Dona Joana mora em uma casa alugada no local conhecido por eles como “Escadaria do Marista”, pois esta escadaria dá acesso ao Colégio Marista, localizado no bairro do Farol.

No decorrer de nossa conversa a jovem mostrou sentimentos ambíguos em relação a viver no Reginaldo. Todas as suas falas mostram que ela sente-se rejeitada pela sociedade por morar no Reginaldo, além disso, elas nos deixa claro que acredita que não conseguiu mudar de vida pois as oportunidades não chegam até os moradores do Vale. Seu desejo de sair do bairro para tentar uma mudança de vida é paradoxal ao seu amor pelo bairro. Em uma única fala Dona Joana mostra como seus sentimentos em relação ao bairro são contraditórios:

Muitos que tão aqui...Tão aqui porque não tem a oportunidade que muitos que tão dentro de uma faculdade tem ...Porque se eu tivesse dinheiro pra alugar uma casa em outro lugar eu não taria no Reginaldo. Aqui ninguém mexe com a gente, se te conhecer ninguém mexe com você, a única coisa que pode acontecer é se você andar com uma máquina cara nas mãos, um celular desfilando... Ninguém te conhece, vai te roubar né?! Você acha que eu nunca fui roubada? Eu fui roubada na Ponta Verde, na Pajuçara, no Farol e não foi ninguém daqui, as pessoas daqui são bacanas. Eu gosto de morar aqui, eu gosto muito de morar aqui. Porque eles nunca mexeram comigo.

A senhora começa falando que se tivesse a oportunidade de morar em outro lugar não estaria no Reginaldo, em outras de suas falas, a jovem também cita a falta de oportunidade sofrida pelos moradores do local e o preconceito vivenciado diariamente. Mas no decorrer de sua fala, a jovem é contraditória ao falar que gosta de morar lá pela proteção que lhe é concedida pelos traficantes. Fica nítido em suas falas, que o que lhe incomoda em relação ao bairro é descaso e esquecimento que o Vale sofre, mas a violência que é vista por muitos moradores como algo ruim, é para Joana um instrumento de proteção. Penso nessa violência como um instrumento de defesa para esta, quando ela considera improvável algum bandido local mexer com ela, por pertencerem ao mesmo espaço.

Nossa entrevista termina e de forma muito empolgante a jovem me propõe conversar com um dos traficantes do bairro. Como o jovem estava na praia entregando drogas, marcamos para conversar na manhã do outro dia e para não me deixar sair daquela forma, a jovem me leva para outras pessoas. Joana me levou para a senhora Roselene, 42 anos e desde seus 17 anos mora no Vale do Reginaldo .

Assim que cheguei a sua casa, havia outra jovem conhecida como “Aninha” sentada com ela. Uma das coisas que percebi foi a desconfiança que pairava no ar entre as duas. Logo no início da nossa conversa percebi a desconfiança, quando “Rose”, como é conhecida no bairro, fez questão em dizer que nunca foi presa mas já foi aviãozinho de sua irmã quando esta era traficante. Durante minha conversa com Dona Joana, ela me disse que me levaria a uma jovem que já foi traficante no Vale e que já havia sido presa. Mas diferente de Dona Joana que havia confiado em minha pesquisa e me relatou detalhes que muitos não sabem, “Rose” estava totalmente desconfiada. Tive a certeza quando retornei ao Vale, e Dona Joana me confirmou que “Rose” e “Aninha” haviam pensado que eu era uma policial tentando coletar informações sobre o bairro.

Para que ela entendesse minha pesquisa, comecei a perguntar sobre o Riacho, mas suas memórias sobre o mesmo são curtas. Como a senhora cresceu no bairro do Feitosa, bairro vizinho do Reginaldo, do pouco que se lembra do Riacho, lembra que ele já era poluído quando chegou ao Vale. Porém ainda não haviam construído os paredões de contenção e as tubulações de esgoto. Suas respostas são curtas e logo corta minhas perguntas e diz “Me lembro de pouca coisa, porque morava aqui mas sempre tinha que correr...”

No final de nossa conversa “Rose” me conta que já sofreu preconceito por morar no Vale e que já teve vagas de emprego negadas após dizer seu endereço. Ela acredita que o local

sofre com todo preconceito porque as pessoas de fora do local aumentam muito o que ouvem e vêem lá. Para ela não existe tanta violência no local como a população costuma espalhar pelos noticiários. O que ela não esconde é a existência de traficantes no bairro, porém, na sua visão, eles respeitam as pessoas do Vale e como ela disse “Eles não andam com maloqueiragem⁵, eles só mexem com quem mexe com eles”.

Mesmo admitindo que o Vale já foi mais calmo em sua juventude, ela ainda considera o local calmo e bom de morar, sempre enfatiza que gosta de morar lá. Porém, da mesma forma que Dona Joana torna-se paradoxal em suas falas em relação à seu desejo de sair ou permanecer no bairro, “Rose” termina nossa entrevista dizendo que se alguém lhe desse uma casa em outro lugar, ela não pensaria duas vezes em deixar o local.

No dia seguinte como combinado com Dona Joana, cheguei ao Vale logo pela manhã para me encontrar com o jovem traficante. Assim que cheguei a casa da senhora fui recebida da forma mais fria possível. Dona Joana não parecia mais a mesma que havia me recebido um dia antes. Sem me dar muita atenção, ela me informou que não teria como eu conversar com o traficante naquele dia, pois o jovem estava na Praia da Avenida entregando drogas e seu celular havia sido roubado. Quando a questioneei se não havia a possibilidade de conversar com algum de seus filhos, ela logo respondeu que eles não gostam de falar sobre isso e que não poderia mais me dar atenção por estar muito ocupada lavando roupa e cuidando do almoço de sua casa. Entendi que minhas entrevistas com esse grupo paravam por ali.

Maurice Halbwachs (2006), explica como a memória coletiva aparece ligada ao local onde se habita os moradores de um bairro:

Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço ao nosso espaço- o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir- que devemos voltar nossa atenção é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (HALBWACHS,2006,pp.170)

⁵ A palavra “maloqueiro” é usada para designar aqueles que são vistos pela sociedade como bagunceiros, pessoas de má fama no meio em que vive.

Em todas as falas dos meus entrevistados era recorrente a situação do Riacho Salgadinho. Foi possível perceber que o Riacho está ligado as memórias individuais de cada morador.

2.3 O Riacho Salgadinho: Sua história contada pelos moradores

Quando pensamos no Vale do Reginaldo logo nos vem à memória o Riacho Salgadinho ou Riacho Reginaldo, como também é conhecido. Atualmente o Riacho já não faz mais parte das belezas de Maceió. Ele é lembrado por sua poluição. É necessário fazer uma viagem ao passado para entender como o Riacho chegou ao ponto que se encontra hoje. Em sua tese de mestrado sobre o Vale do Reginaldo, Fernanda Karoline Oliveira Calixto argumenta que:

As condições ambientais ao longo da bacia do Riacho Reginaldo eram, até metade do século XX, favoráveis às populações residentes, sendo usado para pesca, banho e lazer. Antes disso, “[...] até as primeiras décadas do século [XX], [o Riacho Reginaldo possuía] águas cristalinas, onde se pescava peixes com abundância e onde embarcações de pequeno porte transportavam pessoas de uma margem a outra. (CALIXTO,2013,pp 41)

Basta conversar com os moradores mais antigos do Reginaldo, para que suas lembranças nos remetam a este momento histórico onde havia um Riacho no Vale. Hoje olhamos para dentro do Reginaldo e nos deparamos com um córrego onde os esgotos são lançados. O jornal Tribuna Hoje colocou uma entrevista por título “Morte e vida Salgadinho”, onde fica claro para nós leitores como se deu esse desgaste do Riacho:

Olhando pela perspectiva histórica da cidade, o riacho Salgadinho sofreu o mesmo processo de degradação que as grandes cidades do mundo cometeram com os rios que as cortam. A partir de 1850, o desenvolvimento econômico de Maceió forçou a cidade a criar novas edificações, e claro, sem saneamento básico.[...] A região do bairro do Poço, e por tabela os arredores do riacho Salgadinho, tornou-se uma localidade de habitações populares. “Não existia saneamento básico em Maceió. Todas as tubulações sanitárias conduziam os dejetos sempre para o mar, rios e a lagoa. O maior condutor sanitário daqueles tempos era o riacho Salgadinho”, lembra o professor. O engenheiro Vinícius Maia Nobre explica também que além dos esgotos canalizados ou não, que caíam e caem até hoje no riacho, a bacia do rio foi

constantemente impermeabilizada pelas construções e pavimentações de ruas, contribuíram para a morte do Salgadinho.⁶

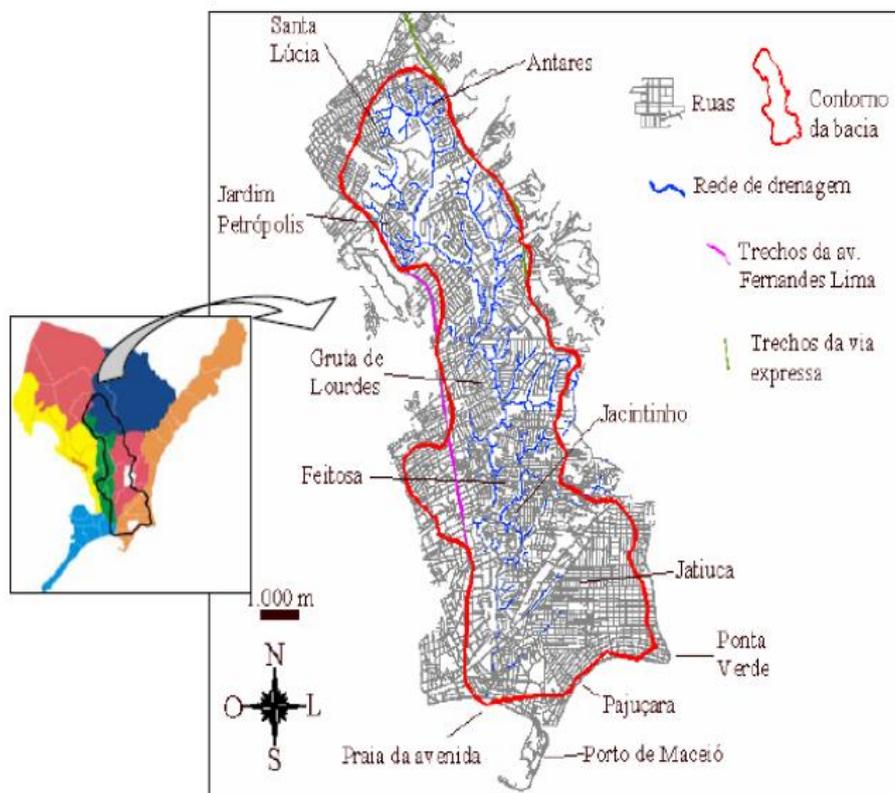


Imagem 7

Como pode perceber na imagem acima, o Riacho nasce nas regiões altas de Maceió, no bairro Santa Lúcia e desemboca na Praia da Avenida. O Riacho passa por vários bairros, estima-se que 30% da população alagoana viva em suas margens, sendo que dessa porcentagem 10% está localizado no Vale do Reginaldo. Em uma entrevista publicada pelo NEJAL- Núcleo de Ecojornalistas de Alagoas, essa porcentagem ganha uma nova dimensão:

⁶ Fonte: <http://www.tribunahoje.com/noticia/270/cidades/2011/06/30/morte-e-vida-salgadinho.html> . Acesso em 08 de abril de 2014.

Mas é no Vale do Reginaldo que o riacho assume o "posto" de canal de águas podres. Quem vê o esgoto hoje, no Vale do Reginaldo, por exemplo, não imagina que, alguns quilômetros acima, a água já foi limpa, clara, doce e em condições até de se beber.[...] Em toda a extensão do Reginaldo há dezenas de grotas. Cálculos da Defesa Civil revelam que moram nesse trecho pelo menos 10 mil famílias, ou 40 mil pessoas. Os números mostram ainda que o lixo doméstico e os dejetos destas pessoas são despejados diretamente no leito do rio. Mas são os canos de PVC, de diâmetros variados, que decretam a poluição total do riacho. Mesmo com águas da chuva, o canal poderia ser limpo se os moradores tivessem o mínimo de consciência ambiental. Da Grota do Canaã até o Vale do Reginaldo, todas as casas têm o "sistema de esgoto" ligado diretamente ao leito do riacho. Fezes e urina, águas de sabão, sobras de comidas e outros dejetos são despejados, através dos canos de PVC, direto no riacho. A grande quantidade de tubos brancos muda a paisagem da margem do Reginaldo. A cada acionamento da caixa de descarga, dentro de uma casa, um ataque ao meio ambiente. Ao todo, são cerca de 40 mil casas. Assim, não há rio que resista", comentou o presidente do IMA, Adriano Augusto. As águas - mesmo podres - que passam pelo canal funcionam como carros coletores de lixo em frequente movimentação. Basta jogar a sacola de lixo no riacho que ele se encarrega de levá-la para o mar. O que não bóia fica ali mesmo, no leito do rio. Além das fezes "in natura" jogadas no riacho, as pessoas também "depositam" no leito do córrego bacias sanitárias de louça.⁷

Não tem como negar que o crescimento desenfreado de Maceió só acarretou prejuízos para o Riacho. A falta de infra-estrutura, saneamento básico entre outros fatores, fez com que os moradores agissem por conta própria. A derrubada de árvores ao redor do Riacho, a construção de casas em suas margens, o mau uso da água, tudo isso levou à decadência do que chamamos de Riacho Salgadinho.

Um dos pontos levantados por alguns moradores em relação à poluição no Riacho, é que esse processo iniciou-se após a chegada de novos moradores no Vale. Alguns moradores alimentam a idéia de que os retirantes, que buscavam abrigo no Reginaldo, não possuíam "amor" pelo Riacho por não pertencerem ao local. Seu João, um dos moradores mais antigos do Vale, relembra o período em que as pessoas pescavam peixe e camarão no Riacho. Ele lembra das senhoras lavando suas roupas e das crianças se banhando.

⁷ Disponível em: <<http://www.nejal.com.br/Ecoreporter7.htm>> Acesso em 05 de abril de 2014



Imagem 8



Imagem 9

As imagens acima mostram como era o Riacho na época em que ainda era possível banhar-se nele. É importante salientar as diferenças desta época para os dias atuais. Nas imagens acima vemos um Riacho cercado pela natureza. Na segunda imagem, em especial, trata-se das primeiras ocupações no Vale do Reginaldo na década de 1920. Comparemos as imagens acima com as abaixo:



Imagem 10



Imagem 11

Diferente das outras imagens onde a natureza predomina sobre a ocupação humana, nas imagens acima vemos o que restou do Riacho. As casas são construídas em cima dos paredões de contenção. Os esgotos são jogados dentro do Riacho, além disso é possível perceber uma grande quantidade de lixo ao redor do mesmo. Hoje não vemos mais um Riacho e sim um córrego poluído.

As lembranças que Seu João carrega ficaram no passado, pois atualmente o Riacho tornou-se um depósito de lixo. Antes mesmo de ouvir seus relatos sobre o descaso dos moradores com o Riacho, encontrei muitas pessoas jogando seus lixos no córrego. Hoje quem olha para o riacho não consegue acreditar que um dia pessoas já usufruíram deste. Hoje o mau cheiro, o lixo e os esgotos que são lançados lá dentro, são as únicas coisas que encontramos lá.

Seu João ainda nos relata outros problemas os quais pioram a situação do Riacho. Os moradores têm construído coxias para seus animais em cima das paredes de contenção do Riacho. Ele nos diz que até um tempo atrás aquelas coxias não existiam, mas os moradores

que estavam interessados em ganhar apartamentos populares pela prefeitura, construíram essas coxias para que a prefeitura quando derrubassem indenizassem seus donos . Os apartamentos são construídos dentro do próprio Reginaldo, porém estes moradores que são indenizados, segundo Seu João, raramente mudam-se para lá, eles usam o apartamento para fonte de renda com um aluguel.

Nitidamente percebemos a revolta do ancião quando fala dessas coxias de animais. Eu tive que concordar com ele que não é nada agradável trafegar por ruas estreitas com porcos, cavalos, cabras. Além do mau cheiro que os dejetos desses animais causam. Essas coxias também poluem o riacho, isso porque, como as coxias foram construídas próximo aos paredões do riacho, os dejetos dos animais são jogados lá dentro.



Imagem 12

No entanto, seria equivocado atribuir a poluição do Riacho Salgadinho apenas aos moradores do lugar. Segundo Seu João, a população é negligenciada pela prefeitura em relação à coleta de lixo. Conforme ele me relata, nas vésperas de natal de 2011 o bairro ficou quase três semanas sem que o carro de lixo passasse lá. A prefeitura nunca explicou o que

aconteceu, mas o descaso não aconteceu somente neste período. Ele relata que nem sempre o carro do lixo entra no Vale para fazer a coleta do lixo. Mas Seu João é bem sincero quando diz que, mesmo que houvesse uma coleta regular, a população já se acostumou à jogar o lixo nas ruas ou no próprio Riacho, desta forma, os problemas com a poluição no bairro não estão simplesmente ligados ao descaso da prefeitura.

Dona Mariana mesmo não tendo nascido no Reginaldo, carrega suas lembranças sobre o Riacho:

Quando cheguei aqui ele já estava começando a ficar poluído, mas eu lembro dos mais velhos nos contando de como era bonito e limpo esse riacho... Hoje em dia ninguém mais cuida dele! As pessoas acham que os moradores do Reginaldo é quem polui ele, mas se você olhar ele já vem sujo lá de cima, os esgotos, as encanações das casas, tudo o povo joga ai dentro e depois vem dizer que é a gente o culpado.

Ela carrega consigo uma idéia de que os moradores dos bairros altos da cidade, por onde o riacho também passa, são culpados pela poluição que vemos ali. Porém, me explica que devido a falta de coleta de lixo no bairro, os moradores vão juntando seus lixos na rua, mas para ela é aceitável eles jogarem os lixos dentro do riacho, já que segundo ela, quando a chuva vem leva todo entulho embora. Além do lixo jogado dentro do riacho por seus próprios moradores locais, ela também me relata sobre os dejetos dos animais que são jogados lá dentro e o esgoto da cidade que a própria prefeitura lança lá dentro.

Ismael também me passou ricas informações sobre o Riacho. Como este praticamente cresceu no bairro, carrega várias lembranças de sua infância em relação ao riacho. Este conviveu pouco tempo com o riacho limpo, mas lembra de quando as mulheres iam para o riacho lavar suas roupas e os filhos as acompanhavam para tomar banho no Riacho. Para ele um fator que contribuiu para a poluição do Riacho foi a entrada de novos moradores no local. Para ele, aqueles que nasceram e cresceram no lugar possuem uma certa paixão pelo riacho, já aqueles que chegaram lá há pouco tempo não tomaram cuidado e poluíram este. Essa paixão está relacionada ao período inicial, quando o riacho ainda era possível banhar. No decorrer da conversa, ele reconhece que os próprios moradores nos dias atuais poluem e não cuidam do riacho.

Ele relembra que durante muito tempo a população sofreu com as enchentes, devido a grande quantidade de lixo jogada dentro do Riacho. Quando a chuva chegava os moradores já

se preparavam para as enchentes. Recorda do período que o governo construiu os paredões de contenção do riacho. Essa foi uma tentativa do governo para tentar conter as enchentes, porém ele ressalta que, nos dias atuais, quando a chuva chega os paredões não conseguem conter a água que transborda e chega a levar animais e até mesmo pessoas. É comum ouvirmos dos moradores que quando chove ninguém nem entra nem sai do Reginaldo. Atualmente o prefeito manda tratores para o Vale na época em que se aproxima o inverno. Uma tentativa de diminuir as enchentes nesse período.

Quando relembra o Riacho Salgadinho, a jovem senhora Joana conta que desde sua infância o riacho é poluído como nos dias de hoje. Mas lembra que os mais antigos viveram épocas onde era possível pescar camarão, lavar roupa e tomar banho no Riacho. Lembra ainda que durante muito tempo os moradores conviveram com enchentes no local, quando a chuva chegava a população já se preparava para o transbordar do riacho.

Antigamente tinha muita enchente, esses paredões diminuiu, mas nunca parou de acontecer... Já desceu animais, cavalo, porco, até gente mesmo! Porque transborda de uma maneira que cobre todo paredão, aí você não sabe onde é o paredão, só água, por isso que pra mim é bom morra na barreira, porque a gente de cima não corre tanto perigo...Minha mãe já perdeu documento, moveis, eletrodomésticos, por conta das enchentes(...) Sujo ele sempre foi, mas teve uma época que não era tão sujo, né?! Tinha camarão, rede, as pessoas pescavam e tudo, as pessoas lavavam roupa e tudo, mas agora... Porque não tem assim educação ambiental e também assim até lixo hospitalares dos hospitais ali da açúcar, ali da Pitanguinha desce pelo córrego, seringas, agulha tudo que você imaginar...É bem complicado a situação da gente daqui.

O secretário da Associação de Moradores, também lembrou-se de alguns momentos vividos na sua infância. Ele me relata que o local tinha um rio de onde as pessoas pescavam peixes, roupas eram lavadas e até minadores haviam ali. A poluição veio com o aumento do número de residências. Inicialmente eram poucas casas, mas o êxodo rural fez com que muitos retirantes saíssem de seus interiores para o Reginaldo. Seu Marcos acredita que com a chegada de novos moradores o riacho sofreu com a poluição, pois para ele só os moradores mais antigos do Vale possuíam um cuidado com o riacho.

Como podemos notar cada morador carrega consigo uma memória sobre a história do Riacho. Quando o sociólogo Maurice Halbwachs (2006) fala sobre a memória coletiva e o

espaço ele mostra como o ambiente material em que vivemos carrega marcas que muitas vezes são apenas visíveis para aqueles que pertencem ao local.

Assim se explica como as imagens espaciais desempenham esse papel na memória coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir num mesmo quadro figuras que bem entendemos? Não. Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa.[...] Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de uma sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.” (Halbwachs,2006,p.159-160)

Todas as mudanças sofridas ao longo dos anos no Riacho Salgadinho, não foram sentidas pelos moradores de outros bairros. Basta ouvir o tom de melancolia nas falas de seus moradores, que entendemos a relação entre a memória dos moradores e o Riacho. Os grupos resistem às mudanças no cenário em que vivem. Talvez por isso os moradores mais antigos não se sintam culpados pela transformação do Riacho, mas colocam a culpa nos moradores que chegaram de outros lugares. Halbwachs (2006) fala sobre essa resistência de determinado grupo as mudanças:

Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvessem apenas uma relação muito acidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente- mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele. (ibid, 2006, pp. 163)

Podemos não entender como acontece essa resistência no Reginaldo, se olhamos para o Riacho e vemos poluição por todo lado. A sensação que temos é que a própria população já aceitou todo desgaste que vem ocorrendo com o Riacho.Nesta situação não basta apenas olhar, é preciso ouvir. Cardoso de Oliveira (2000) em seu livro “O trabalho do antropólogo” nos esclarece como se dá a relação entre olhar e ouvir.

Evidentemente tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambas complementam-se e servem para o pesquisador como duas muletas- que não nos percamos com essa metáfora tão negativa- que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento.[...] É nesse ímpeto de conhecer que o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas condições desse último, na medida em que está preparado para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes, isto é, que não façam nenhum sentido no corpus teórico de sua disciplina ou para o paradigma no interior do qual o pesquisador foi treinado. (OLIVEIRA, 2000, pp. 21-22)

Os nossos olhos muitas vezes encontram-se impregnados de preconceitos. O ouvir é essencial para entender aquilo que muitas vezes não está visível a olho nu. Quando penso em tudo que ouvi sobre as memórias de meus entrevistados sobre o Riacho Salgadinho, percebo que se ficarmos apenas na esfera do “olhar” muitos pontos que constituem a identidade do local, irão passar despercebidos. É preciso dedicar tempo ao ouvir. Ouvir aqueles que constroem o Reginaldo me fez entender a relação deste povo com o Riacho Salgadinho.

3. O VALE DO REGINALDO E A VIOLÊNCIA EM MACEIÓ

A realidade alagoana sobre seus índices de violência está estampada em jornais regionais e nacionais como também nos noticiários diários. A Secretaria Geral da Presidência da República juntamente com a Secretaria Nacional de Juventude e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial promoveram a publicação do Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil. Segundo esses dados:

Nos últimos dez anos, a cidade assistiu a uma explosão no número de homicídios. No período, a taxa de homicídios em Maceió subiu 144%, enquanto o conjunto das capitais teve queda média de 18%. (...) De oitava capital mais violenta do país em 2000, Maceió passou ao topo do ranking dez anos depois. A taxa de homicídios é de 110,1 por 100 mil habitantes - quatro vezes a taxa nacional, de 27,4.

Para nossa tristeza, mas não surpresa, Maceió foi classificada como a capital mais violento do Brasil como nos mostra o gráfico abaixo:

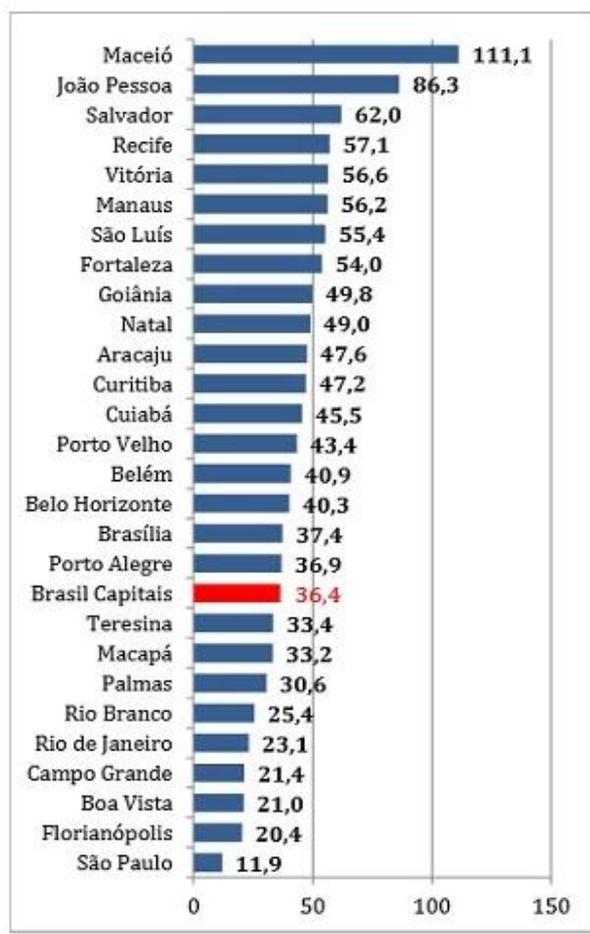


Imagem 13

Recentemente tivemos mais uma vez nossa cidade nos noticiários da televisão. Na edição do dia 23/03/2014 do programa Fantástico da Rede Globo trouxe uma entrevista por título: “Três cidades brasileiras estão entre as dez mais violentas do planeta”. Como já era de se esperar, Maceió foi uma das cidades que o programa deteve seus olhos. A entrevista iniciou mostrando o caso de um assassinato em um dos bairros em Maceió e logo apresentou os dados abaixo:

Maceió é a quinta cidade mais violenta do mundo, e primeira do Brasil, segundo o estudo mexicano. Em 2013, foram 79 homicídios para cada 100 mil habitantes. Acima de 10 homicídios por 100 mil habitantes, a Organização Mundial de Saúde, considera uma epidemia de violência. De acordo com números do próprio governo estadual, a maioria das vítimas de homicídios em Maceió é de jovens, com idade entre 18 e 29 anos. “Quem está na orla não consegue visualizar que, todos os dias, na cidade de Maceió, pelo menos cinco jovens estão morrendo. E esses jovens não estão morrendo na orla. Eles estão morrendo nas periferias”, destaca a socióloga Ruth Vasconcelos.⁸

C6 cotidiano ★ ★ DOMINGO, 24 DE MARÇO DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

CAPITAIS DO MEDO

A mais violenta, Maceió tem ‘áreas proibidas’

Cidade lidera o ranking de assassinatos entre as capitais brasileiras; 230 homens da Força Nacional ocupam favelas

Taxa de homicídios é de 110,1 por 100 mil habitantes, quatro vezes a taxa nacional, de 27,4 por 100 mil

REYNALDO TUROLLO JR.
ENVIADO ESPECIAL A MACEIÓ

Maceió (AL) lidera com folga o ranking de homicídios nas capitais do país, num Estado com efetivo policial defasado, IML (Instituto Médico Legal) improvisado em galpão e falta de vagas em presídios.

Em Alagoas, somente no ano passado delegados passaram a ir às cenas do crime para colher dados. Antes, iam apenas os peritos, e o resultado está nas estatísticas: de 2005 a 2008, apenas 7,5% dos assassinatos foram apurados.

Essa sensação de impunidade é um reflexo da falta de estrutura. Hoje, presos que ganham direito ao regime semiaberto (trabalham fora e dormem na cadeia) vão direito para casa, pois não há presídios para esse sistema.

Diante disso, Maceió tem “áreas vetadas” para a circulação. A reportagem tentou ir ao Vergel do Lago, uma das mais perigosas, mas o taxista se recusou a dirigir até lá. “É uma área proibida”, informou.

Nos últimos dez anos, a cidade assistiu a uma explosão

Dois dias após o assassinato, em maio, uma multidão saiu às ruas pedindo paz em Alagoas. O Estado recorreu ao Ministério da Justiça.

Um mês depois foi lançado o Brasil Mais Seguro, com o objetivo de conter os homicídios.

ANÁLISE

Medo faz parte do cotidiano das cidades brasileiras

JULIO JACOBOWITZ
ESPECIAL PARA A FOLHA

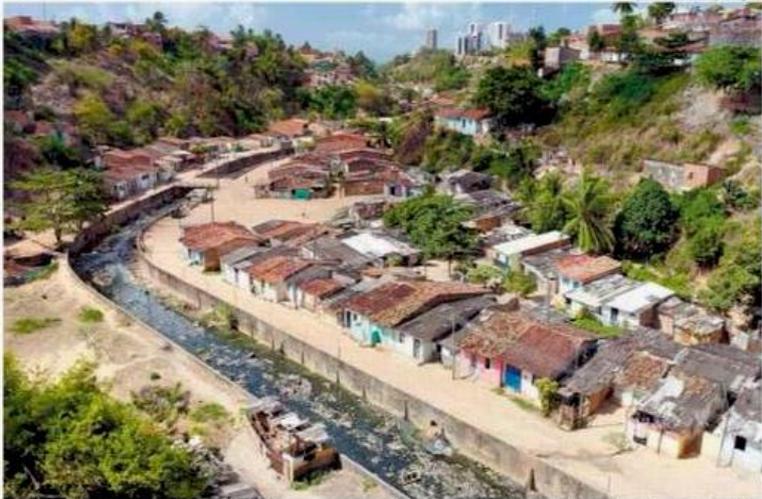
O medo é parte do cotidiano das cidades brasileiras. Pesquisa de 2012 do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) apontou que 62% dos moradores do país têm “muito medo” de serem assassinados e 23%, “um pouco de medo”. Só 14% manifestaram “nenhum medo”.

Esse temor é justificado. As 52.260 vítimas de homicídio contabilizadas pelo Ministério da Saúde em 2010 —70% por armas de fogo— fazem do Brasil o país com o maior número de assassinatos do planeta, com índices que superam mortes em guerras.

Em 2012/13 divulgamos uma série de Mapas da Violência. Em síntese, podemos destacar os seguintes pontos:

1) Os elevados índices de homicídios de crianças e adolescentes: o país ocupa o quarto lugar entre 92 países. E também de mulheres: sêti-

Vista do rio canalizado na Grota do Reginaldo, região pobre de Maceió, em Alagoas; cidade tem áreas de acesso proibido



RANKING DA VIOLÊNCIA
Maceió lidera as estatísticas de homicídios do país

Homicídios por 100 mil		2000	2010
1	Maceió	45,1	110,1
2	João Pessoa	37,8	80,2
3	Vitória	7,9	70,5

OUTRO LADO

Ajuda Federal trouxe queda nos homicídios

Imagem 14

⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/03/tres-cidades-brasileiras-estao-entre-dez-mais-violentas-do-planeta.htm>> Acesso em 14 de abril de 2014

A cidade de Maceió passou por um processo de urbanização crescente nas últimas décadas. Dados do Instituto Brasileiro de Administração Municipal- IBAM, nos revelam como esse crescimento se deu:

Na década de 1950, a falta de planejamento e a topografia da cidade, somadas ao acelerado processo migratório, deram início à ocupação desordenada do vale do Reginaldo.(...) A partir de 1960 são identificados os reflexos das modificações estruturais ocorridas no país, que vão interferir de forma determinante na configuração espacial da cidade e no fenômeno habitacional urbano em Maceió. É nessa década que a população de Maceió cresce mais rápido do que a do Brasil e a de Alagoas, com taxa geométrica de crescimento populacional anual de 4,7%.⁹

O crescimento da cidade se deu da periferia para o centro, ao contrario do que ocorreu nas principais capitais do país e diversas metrópoles do globo, uma vez que a Companhia Habitacional de Alagoas (COHAB/AL), ao buscar terrenos mais baratos para a construção de conjuntos habitacionais para as famílias mais pobres, os localizou na periferia, levando à valorização das áreas intermediárias, inacessíveis financeiramente a classe média e baixa, “[...] por falta de um planejamento governamental, ou talvez por causa dele”. Esse processo de urbanização utilizou-se da concentração de áreas indiciárias cercadas pelo oferecimento de serviços e equipamentos públicos e a exclusão da população mais pobre para locais cada vez mais distantes deste.¹⁰

Todas as mudanças no cenário urbano da cidade de Maceió, não modificaram apenas a estrutura de seus prédios, a construção de novas vias para comportar o aumento do número de veículos ou outras mudanças. Mas também modificou o cotidiano e a vida social dentro da cidade. Com a urbanização da cidade de Maceió a cidade começou a receber uma grande quantidade de pessoas e estas procuravam abrigos nas periferias. Sendo este o período em que o Reginaldo recebe uma grande demanda de retirantes.

Por mais que a sociedade não pesquise ou leia artigos científicos sobre o aumento da violência em nossa cidade, basta você ligar a televisão ou o rádio para ser bombardeado de

⁹Disponível em

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.ibam.org.br/media/arquivos/estudos/manual_maceio.pdf p. 22 Acesso em 21 de maio de 2014

¹⁰ CALIXTO, Fernanda Karoline Oliveira. O tratamento jurídico dos desastres urbanos ambientais na perspectiva da sociedade de risco: O caso do Vale do Reginaldo em Maceió/ AL. 2013. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Alagoas, Maceió- AL, 2013 PP. 26

notícias sobre a violência na cidade. Não muito diferente da internet, que nos lança as informações com maior rapidez. A sociedade percebe o que vem ocorrendo ao seu redor e reage de formas diferentes. O advogado alagoano, Fernando Maciel, em uma de suas publicações no seu blog pessoal, deixa claro para nós como as modificações na cidade de Maceió, que se apresentam de forma benéficas, tornam-se um problema social :

Nossa querida Maceió começa a apresentar ares de cidade grande, resultado de várias transformações por que está passando como a inauguração de novas vias e de um novo shopping center, que surgem como portas a um novo tempo de desenvolvimento e prosperidade.(...) Este desenvolvimento, entretanto, não vem somente com aspectos bons, mas traz consigo também, como tudo na vida, características negativas (...) Um dos aspectos mais tristes desta situação é sem dúvida nenhuma a violência urbana. A isso tudo é somado o crescimento das drogas ilícitas em nossa sociedade. Assistimos perplexos sequestros, arrastões, e outros tantos crimes (...) ¹¹

3.1 Violência, preconceito e o Reginaldo

O sociólogo Erving Goffman (2008) nos traz uma definição histórica sobre a forma como o estigma era empregado nos primórdios da sociedade:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. Mais tarde, na Era Cristã, dois níveis de metáfora foram acrescentados ao termo: o primeiro deles referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo, uma alusão médica a essa alusão religiosa, referia-se a sinais corporais de distúrbio físico. Atualmente, o termo é amplamente usado de maneira um tanto semelhante ao sentido literal original, porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal. (GOFFMAN, 2008,PP.05)

¹¹ Disponível em : < <http://blogsda gazetaweb.com.br/direitoseu/maceio-o-desenvolvimento-e-a-violencia-urbana/> > Acesso em 17 de maio de 2014

O sociólogo Erving Goffman (2008) argumenta que a sociedade cria padrões para estabelecer o que é normal a seus olhos. São criados estereótipos para estabelecer um padrão. As pessoas são rotuladas por um estigma indesejável.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável (...) Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande(...) (ibid, 2008, p.12).

Atualmente vemos favelas, comunidades e alguns bairros sofrerem com o preconceito criado pela sociedade. Os moradores do Vale do Reginaldo sentem o estigma que a sociedade lança sobre eles. Todos os meus entrevistados relataram-me algum caso onde foram estigmatizados por morar no bairro. Dona Joana em suas falas sempre demonstrou que era estigmatizada pela sociedade por morar no bairro:

Eu tenho prazer e orgulho de dizer que eu moro aqui, eu até costumo dizer que eu sou periferia até a morte. Mas assim, já sofri preconceito por morar aqui, por ter tatuagem, por ter carpa porque dizem que é do PCC...Mas não é, é uma tatuagem que tem seu significado e eu me identifico, gosto muito de tatuagem. Mas se eles olharem pra mim e pra um filho de colarinho branco com tatuagem o olhar vai ser diferente, ele mora na Ponta Verde eu moro no Reginaldo. Eu já levei nome de prostituta, vagabunda, maconheira, safada... Tudo porque eu moro aqui e tenho tatuagem.(...) [Quando lhe pergunto se ela já havia sido recusada em algum emprego por morar no Reginaldo, ela me responde] Já sim! No Ritz Lagoa da Anta e em outros cantos que eu trabalhava quando eu dizia que morava no Reginaldo eles me chamavam de maconheira, lombreira... Diziam que eu era dona da boca, só assim... Esse preconceito existe do começo ao fim do mundo! Morou no Reginaldo é bandido, e nem todo mundo que tá aqui é bandido! É oportunidade que a gente não tem e não tivemos de mudar de vida, entendeu?! Aqui tem pessoas muito bacana, aqui tem pessoas que moram aqui que é universitário, que é policial, então não é assim... Isso magoa muito sabe?! Porque eu no meu caso tive que abandonar minha faculdade, mas se eu tivesse terminado a minha faculdade, mesmo com a minha faculdade, eles iam dizer que eu era uma bandida encubada.

Dona Joana é só mais uma vítima do preconceito que é lançado sobre moradores de favelas, comunidades carentes e como no caso do Reginaldo, um local marginalizado. Goffman(2008) argumenta sobre a forma como o estigma é criado sobre determinado grupo ou indivíduo:

As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original.(ibid,2008, pp.08)

Quando a antropóloga Alba Zaluar (2000) pesquisava a comunidade Cidade de Deus, escreveu em seu livro “A máquina e a revolta” sobre a forma como a sociedade enxergava os moradores da comunidade. Os jovens que pertencem ao bairro sofrem com um estigma.

De todas as barreiras, a mais mencionada pelos jovens é a do preconceito e da imagem negativa dos moradores de locais que são considerados como antro de marginais e de bandidos. (...) Vocês pobres são todos perigosos. Um espelho negativo nesta fase da vida em que as identidades estão mal definidas e que, se eficaz, torna-se um fator a mais na inclinação do jovem pelo crime..(ZALUAR, 2000 p.154)

As comunidades são marcadas de forma negativa, seus moradores são excluídos socialmente e rotulados por características indesejáveis. Dona Joana, em uma de nossas conversas relata-me um episódio em que seus filhos passaram por um momento em que o estigma de marginal foi lançado sobre eles:

Mas assim essa discriminação não é de agora, meus filhos mesmo, os dois também já sofreram assim discriminação, agressão... Tipo, a gente faz isso, faz aquilo, e as pessoas dizem: “Vá chamar sua raça que é bandida!” E não é bandida, foram pessoas que sofreram retaliações da vida, falta de oportunidade.[...] Mas assim a criminalidade não mudou! Eu mesmo... Meus dois filhos abandonaram os estudos, o de 14 também tá usando drogas, entendeu? [Como ela havia me relatado que já havia usado drogas, ao falar sobre seu filho mais novo diz que ele também está usando] Mas você pode dizer assim, pra você isso é natural? Não! Mais o que eu vou fazer se a oportunidade que a gente tem não é de mudança?! Então assim... Ele não é viciado, mas eu sei que ele usa maconha. O mais velho de 17 também já usou, então assim, aqui não tem uma quadra esportiva, aqui não tem lazer, então assim, a oportunidade que eles tem é o traficantes oferecer pra eles

drogas, roupas de marca, um revolve, dinheiro... é só você se envolver na criminalidade.

Nessa fala é possível notar que os moradores do Vale buscam sempre saídas para justificar a violência e a entrada de jovens o tráfico. A antropóloga Alba Zaluar (2000), apresenta alguns dados que são apontados pela população da comunidade Cidade de Deus, como fatores que podem levar um jovem ao mundo do tráfico:

“Ninguém é bandido porque quer” é uma frase que nos traz para o terreno das determinações , das explicações objetivistas. E elas são múltiplas. Apontam para a falta de assistência do governo, a pobreza cada vez maior entre as famílias de trabalhadores, a polícia corrompida, as atrações e facilidades do tráfico, o exemplo e sedução dos bandidos da vizinhança, a revolta que os métodos violentos deste provocam. (ibid, 2000,pp153)

No meio social, esse estigma de que todo pobre é bandido é reforçado pela mídia. A mídia tem um papel fundamental de reforçar esse estigma que já foi enraizado em nossa sociedade. Uma barreira é criada dentro da sociedade contra esses bairros, favelas, comunidades e todos lugares que sejam habitados por moradores da classe baixa.

Um fato que não podemos deixar de lado é a relação criada pela mídia local e o Vale do Reginaldo. A mídia faz questão de diariamente expor os pontos fracos das comunidades carentes. As manchetes dos jornais não poupam detalhes sobre a realidade nua e crua, eles querem vender a notícia a qualquer preço e a população é tomada por essa onda de sensacionalismo. Basta abrir os jornais, ou pesquisar o nome do bairro na internet, que seremos bombardeados por notícias de roubos, mortes ,etc.

Mesmo o Reginaldo não sendo classificado como uma favela, o mesmo carrega característica deste local. No website do Observatório das favelas¹², foi divulgado um artigo apresentado o que é uma favela:

Historicamente, o eixo paradigmático da representações das favelas é a ausência. Nesta perspectiva, a favela é definida pelo que não seria ou pelo que não teria. Nesse caso, é apreendido, em geral, como um espaço destituído de infra-estrutura urbana- água, luz, esgoto,coleta de lixo; sem arruamento;globalmente miserável,sem ordem, sem lei, sem regras, sem

¹² Disponível em: < <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-e-favela-afinal.pdf>> Acesso em 02 de março de 2014

moral. Enfim, expressão do caos. Outro elemento peculiar da representação usual das favelas é sua homogeneização. Presentes em diferentes sítios geográficos– em planícies, em morros, às margens de rios e lagoas – e reunindo algumas centenas de moradores até alguns milhares, possuindo diferentes equipamentos e mobiliários urbanos, sendo constituídas por casas e/ou apartamentos, com diferentes níveis de violência e presença do poder público, com variadas características socioambientais, as favelas constituem-se como territórios que se exprimem em paisagens consideravelmente diversificada . a homogeneidade , no entanto, é atônita quando se trata de identificar esse espaço popular.

Ainda que o Vale não seja classificado como uma favela, a mídia faz questão de expor as marcas negativas do local. Normalmente esse é um problema enfrentado pelas favelas e comunidades das grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro e São Paulo. Esse problema já vem sendo rebatido por alguns grupos que passam a noticiar em sites e blogs pessoais o cotidiano das favelas. Um cotidiano que é esquecido nas telas dos noticiários. Em Maceió ainda caminhamos a curtos passos, a mídia não nos poupa da violência do Reginaldo e não faz a mínima questão de apresentar pontos positivos do local. Dentre todas as pesquisas realizadas nos sites da internet, apenas um apresentava o local de outro ângulo. O website “Elos mais cultura”¹³, traz uma breve apresentação do local, apresentando este como sendo uma comunidade, além de trazer imagens sobre as belezas do local, os recursos que são encontrados lá e a história de alguns moradores.

A mídia faz questão de distorcer a imagem dos bairros periféricos, tornando estes um lugar onde muitos tem medo de aproximar-se. Os enunciados abaixo transcritos, mostram a imagem que a mídia passa do Vale do Reginaldo.

Maceió lidera em homicídios, diz jornal Folha de S.Paulo.(“Segundo a reportagem, ao tentar conhecer o bairro do Vergel do Lago e a região do Vale do Reginaldo, locais conhecidos pelo aterrorizante índice de violência, o jornalista da Folha fora informado por um taxista do acesso proibido.”)¹⁴

¹³ Disponível em:< <http://www.elosmaiscultura.com.br/comunidade/valedoreginaldo>> Acesso em 10 de maio de 2014

¹⁴ Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=220180>> Acesso em 03 de abril 2014

Polícia estoura boca de fumo no Vale do Reginaldo, em Maceió.(Um adolescente de 16 anos, envolvido em homicídios, foi apreendido.Operação conjunta cumpria mandado de busca e apreensão.)¹⁵

Acusado de matar médico é detido (Segundo o delegado, o assalto que resultou na morte do médico foi cometido por dois adolescentes, um de 16 e outro de 17 anos, que seriam “aviões” do tráfico (repassadores de drogas) do Vale do Reginaldo, área onde residem.¹⁶

Posto de saúde reabre, mas medo ainda impera.(Estado: Alagoas. Cidade: Maceió. Bairro: Poço. Área de risco: Vale do Reginaldo, uma terra sem lei e sem saúde pública. O que a venda de crack e maconha pode ter a ver com o pré-natal da dona Maria ou o diabetes do seu Severino? Tudo. Por incrível que pareça, o atendimento básico de saúde está relacionado ao tráfico de drogas e foi interrompido por causa de uma guerra entre facções inimigas que disputam o controle das grotas e brenhas onde a polícia não entra.)¹⁷

Lembro-me de um episódio, durante a pesquisa de campo, quando entrevistava Dona Joana. Sua televisão ligada em um programa local sensacionalista¹⁸, no qual o apresentador relatava um roubo ocorrido próximo à Pajuçara, um dos bairros situados próximos do Vale do Reginaldo. Ao ver o assaltante, o apresentador não esperou o mesmo dizer onde morava e já foi dizendo: “Isso bem deve sair do Reginaldo...Olha a cara dele, tem cara de malandro!”.

É interessante notar que a senhora não se incomodou com o comentário do apresentador. Além de não apresentar nenhuma reação à esta fala, é notório que em todas as minhas entrevistas, os moradores possuíam críticas ao governo, aos próprios moradores, etc, mas não faziam nenhuma crítica à mídia. Nenhum deles percebia que se os moradores dos bairros vizinhos possuíam uma visão distorcida da realidade do Reginaldo, é porque a mídia tem trazido notícias que só inferioriza o local.

¹⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2013/06/policia-estoura-boca-de-fumo-no-vale-do-reginaldo-em-maceio.html>> Acesso em 03 de abril de 2014

¹⁶ Disponível em: < <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=203458>> Acesso em 03 de abril de 2014

¹⁷ Disponível em: < <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=220163>> Acesso em 03 de abril 2014

¹⁸ Programa “ Fique Alerta” que é conhecido por suas reportagens apelativas e suas narrativas cheias de sensacionalismo . O programa vai ao ar de segunda à sexta-feira na TV Pajuçara no horário das 12:00 horas.

Ao tratar da relação da mídia com a violência em alagoas a socióloga Ruth Vasconcelos(2005) mostra quais efeitos essas informações que nos são passadas diariamente, têm sobre nós.

A alta frequência com que as notícias de violência são veiculadas nos/pelos jornais alagoanos produz efeitos de naturalização da violência e representações sociais que interferem na constituição da própria realidade social e política do estado. (VASCONCELOS,2005, pp.80-81)

A antropóloga Teresa Caldeira (2000) ao falar em seu livro “Cidades de Muros” sobre os direitos dos presos, enumera três formas que a mídia utiliza para influenciar a opinião dos seus telespectadores:

O terceiro exemplo vem do programa diário de Afanasio Jazadji, um dos radialistas mais populares de São Paulo. Jazadji define a si mesmo como um repórter policial e costuma apresentar um programa no qual narrava crimes. Ele é conhecido por sua voz grave, pela maneira desrespeitosa com que se refere a suspeitos, por sua defesa d polícia e da pena de morte, e por sua oposição radical aos direitos humanos.[...] Sua influência é evidente: as pessoas que entreviste muitas vezes o mencionavam para justificar suas opiniões, e em 1986, numa campanha baseada totalmente em ataques aos direitos humanos e as políticas de Montoro, Jazadji foi o candidato mais votado para a Assembléia Legislativa (300 mil votos na cidade de São Paulo e mais de meio milha no estado.) (CALDEIRA, 2000,pp.347)

A violência é um tema que gera audiência. A população brasileira gosta de ouvir detalhes de um crime, gosta de ver a cena do crime, enfim, tudo que estiver ligado à violência, a mídia já percebeu que é um ponto para gerar audiência. A relação da mídia com a violência é de usar esta para prender a atenção da população. A socióloga Ruth Vasconcelos(2005) nos deixa claro isso:

Encontramos, entre os nossos entrevistados, algumas representações sociais que justificam o alto consumo da violência: a existência de uma curiosidade natural do ser humano para cenas de perversidade e sofrimento; a existência de um processo de identificação do público consumidor, seja com a vítima ou com o acusado; uma certa lei de compensação, que leva as pessoas a querer contactar com realidades piores que a sua para amenizar o próprio sofrimento; e, ainda, um certo sadismo ou morbidez da população que se interessa por notícias de violência com uma certa dose de satisfação. As

tentativas de explicação apontam para a existência de motivações de ordem subjetiva que certamente estimulam e asseguram a existência de programas especializados nesta temática, como é o caso de programas locais e nacionais: Plantão de Polícia (TV), Ronda Policial (Rádio), Cidade Alerta (TV), Linha Direta(TV), etc. (ibid, 2005, pp.121)

Assim como a socióloga Ruth Vasconcelos, a antropóloga Tereza Caldeira traça uma idéia sobre a fala do crime e a forma como esta se prolifera na sociedade.

“[...] A narração tanto combate quanto reproduz a violência. De fato, a fala do crime faz a violência proliferar ao combater e simbolicamente reorganizar o mundo. A ordem simbólica engendrada na fala do crime não apenas discrimina alguns grupos, promove sua criminalização e os transforma em vítimas da violência, mas também faz o medo circular através da repetição de histórias e, sobretudo, ajuda a deslegitimar as instituições da ordem e a legitimar a privatização da justiça e o uso de meios de vingança violentos e ilegais.” (ibid, 2000, P 43)

Além da mídia desenvolver essa sensação de medo no meio da sociedade, a própria população reproduz uma fala onde a violência é o ponto chave.

3.2 A violência na fala dos moradores do Reginaldo

Falar sobre o Reginaldo sem tocar no assunto da violência, é como deixar uma parte da memória deste povo esquecida. Os próprios moradores carregam aquilo que a autora Tereza Caldeira(2000) em seu livro Cidade de Muros chama de “A fala do crime”.

A fala do crime - ou seja, todos os tipos de conversas, comentários, narrativas, piadas, debates e brincadeiras que tem o crime e o medo como tema- é contagiante. Quando se conta um caso, muito provavelmente vários outros se seguem; e é raro um comentário ficar sem resposta. A fala do crime é também fragmentada e repetitiva. Ela surge no meio das mais variadas interações, pontuando-as, repetindo a mesma história ou variações da mesma história, comumente usando apenas alguns recursos narrativos. Apesar das repetições, as pessoas nunca se cansam. Ao contrário, parecem compelidas a continuar falando sobre o crime, como se as infundáveis análises de casos pudessem ajudá-las a encontrar um meio de lidar com suas experiências desconcertantes ou com a natureza arbitrária e inusitada da violência. A repetição da história no entanto, só serve para reforçar as sensações de perigo, insegurança e perturbação das pessoas. Assim a fala do crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhando e reproduzido, e no qual a violência é a um só tempo combatida e ampliada. (ibid, 2000, pp27)

Em uma pesquisa de campo estamos sujeitos a vários fatores externos e internos que podem mudar nossa relação com a pesquisa e pesquisados. Tenho total consciência da importância da fala de cada entrevistado, porém sem querer trazer privilégios à ninguém, coloco como fundamental para este capítulo as falas de Dona Joana. Uma tarde com esta senhora me fez enxergar uma nova realidade em relação o Reginaldo. Suas informações ali passadas são de grande valor para mim, não desmerecendo aquilo que foi dito pelos demais, porém esta senhora passou-me detalhes que só aqueles que convivem desde muito cedo neste mundo poderiam me passar. Sua visão sobre a violência no Reginaldo fixa na mente de qualquer um que ouve suas histórias. Ela carrega uma lembrança muito triste do local, suas memórias são de uma violência tal que suas lembranças chegam a impactar quem as ouve.

Dona Joana, mesmo sendo uma jovem senhora, já vivenciou cenas dentro do Reginaldo que carrega em sua memória. Em nossa conversa era possível sentir sua dor ao ver jovens sendo mortos em sua frente, crianças tendo suas infâncias roubadas pela violência e o tráfico. A jovem me relatou com tanta emoção que tenho a sensação de estar revivendo junto com ela o momento narrado. Mesmo quando tenta me falar de sua infância, de como foi viver no Reginaldo há décadas atrás, suas memórias se entrelaçam com uma narrativa de violência:

“... Eu nasci e me criei aqui. Eu lembro das mesmas coisas ou coisas assim piores... lembro de enchentes, entendeu, casas sendo demolidas, muito tráfico de drogas, pessoas que a polícia metralhava nas ruas, prendiam , crianças que foram agredida por policia porque ficavam na rua assim curiosas em vê e saber o que tava acontecendo, entendeu! Teve uma época em que teve algumas mortes e mataram quatro pessoas de uma vez só metralhadas , só que o que mais me marcou nessa época aos meus 9 pra 10 anos, foi uma época de uns policiais que andavam com “bala clava” nos rostos, e quem tivesse na rua eles mandavam entrar e alguns que não quiseram entrar apanharam no rosto... foram agredidos sabe! Então assim, o cotidiano daqui sempre é esse, agressão , eles não distinguem quem é quem , não! Generalizam entendeu, morou aqui pra eles toda é bandido .”

Em nossa conversa, Joana deixou claro que suas memórias da infância vividas no Reginaldo eram carregadas de violência e abusos. A fala acima foi a resposta que a jovem me deu ao questionar-lhe o que lembrava de sua infância no Vale do Reginaldo. Diferente de alguns entrevistados que tentavam “esconder” um passado e presente de violência do bairro, a jovem não me poupou detalhes da realidade do local.

No começo de nossa conversa com uma de minhas informantes, Dona Joana, logo após relatar-me alguns episódios de sua infância que lhe deixaram marcas para toda vida, mostra como é importante para ela relembrar esses momentos :

“...Então, assim é um histórico de vida assim muito triste, eu acho que assim quando o menino[Referindo-se à Ricardo meu guia dentro do bairro] me propôs de fazer esse trabalho pra você eu me identifiquei muito , porque é ate um pouco de você expor pra fora aquilo que ta sofrendo dentro de você guardado... sabe! ”

Fica nítido nas fala da jovem senhora, que sua memória sobre o Reginaldo é repleta de traumas. O ato de desabafar aquilo que tanto machuca a memória possui os seus dois lados. Ao mesmo tempo que é “colocar para fora” aquilo que já foi guardado durante tanto tempo, assim como é um risco para o interlocutor. Muitos dos que vivem no Reginaldo preferem não expor para qualquer um o que já vivenciaram de abusos e violência no local. Essa barreira entre o não-dito e o expor é pensada por Michael Pollak (1989) :

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLAK,1989,pp 08)¹⁹

Dona Joana é bem enfática quando fala se sua relação com os traficantes do bairro:

Aqui é assim, eles respeitam, a não ser, assim, que se um ladrão daqui furtar ou roubar algo de alguém daqui ele vai morrer. Entendeu?! Se uma mulher brigar com o marido e chamar a policia sem comunicar o traficante, ela vai morrer! Porque quem tem resolver isso são eles[refere-se aos traficantes], agora se eles não resolver ai você resolve! Aqui dentro tem regras, essas gangues... Então é assim, o traficante atual que manda aqui são dois irmãos, um manda no começo e o outro manda no final. Mas tem uma parte aqui que é de um e outra parte aqui que é de outro. Se você fizer esse tipo de coisa sem comunicar a eles, você tá arriscando a sua vida, porque fora esses tem as outras pessoas que estão abaixo deles. Mas aqui é tudo eles que resolvem. Um dia aconteceu de uma mulher ta brigando com o marido e gritar que ia chamar a policia, na mesma hora eles bateram na casa dela , ai falou: “ quem resolve aqui somos nos! Policia só entra aqui quando a

¹⁹ Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>> Acesso em 19 de abril de 2014

gente não da conta!” Então você não pode meter a cara e querer resolver do seu jeito. Tem que procurar alguém que esteja ali, entendeu, porque se você procurar você vai ter apoio deles, mesmo você sabendo que esta se arriscando mas tem que ser assim. Porque aqui o Vale é uma periferia muito grande não é só esse pedacinho. Porque é muito grande, então tem varias pessoas, cada um, como diz o popular, um tem o seu quadrado você não pode invadir o quadrado dele.[...] As vezes os traficantes daqui faz coisas que eles [referindo-se aos policiais] não fazem, bota ordem, entendeu?! Bota ordem aqui! Se você tiver com fome você pode pedir a eles que eles lhe dão comida. Eu mesmo já pedi a um traficante, ele já me deu comida pra comer sem me pedir nada em troca.

A relação que é estabelecida com o tráfico e alguns moradores foi analisada pela antropóloga Alba Zaluar (2000) em suas pesquisas na Cidade de Deus. Assim como na comunidade, aqui no Vale do Reginaldo é comum nos depararmos com moradores que defendem os traficantes .

De qualquer forma, a identificação do morador com o local em que mora, que parece ser um mecanismo importante na formação de suas identidades sociais, leva-o a fazer diferenciações preconceituosas entre os bandidos. Sanguinário, perverso, covarde, maconheiro ou ladrão é o bandido de outras áreas. Os estigmas veiculados pelos jornais sobre o conjunto habitacional como um todo, qual seja, o de ser um antro de marginais, maconheiros, bandidos e assaltantes, ampliam-se aos outros “pedaços” mas não ao “pedaço” de quem fala. Na área do morador que fala predominam os traficantes trabalhadores pacatos; os bandidos de cá, além de valentes, são “gente”, “não se metem com trabalhador”, “defendem a área”, “nos respeitam”. (ZALUAR, 2000,pp144)

Em cada entrevista, os moradores queriam expor seus traumas, revoltas e desabafos sobre fatos vivenciados no local. Suas falas sempre giram em torno da violência lembrada da infância, da violência vivida nas ruas do bairro ou até mesmo de uma violência escondida pelo medo.

Mas a visão da violência no local vai mudando de acordo com cada entrevistado. Ismael, o jovem “falante”, traz outra visão sobre a violência no local. Para ele, a comunidade em si não era violenta. Relembra que na década de 60, quando o Vale ainda era mais calmo, os bandidos vinham fugidos de bairros vizinhos, como o Jacintinho e o Feitosa, bairros que possuem gangues aliadas aos grupos do Reginaldo, e aproveitavam o aglomerado de casas para se esconder lá. Dessa forma, o Reginaldo pegou “fama” de ser violento.

Eu já escutei muitas pessoas lá fora dizerem que aqui é o buraco do mundo. Né!? Eu até aceito essas coisas, as vezes você trabalha ou pega um taxi, quando você diz que vai para o Poço eles ainda vêem. Mas quando você diz que vai pro Reginaldo, ai ele diz: Ho! Só vou levar até a praça Bonfim, porque eu não entro ali não, porque ali é perigoso! Já foi perigoso, hoje já não é mais... Agora não é, porque o perigo hoje...O perigo naquele tempo antes era os bandidos mais velhos, hoje não...hoje são os jovens de 15,16 anos...

Ismael ao falar sobre a realidade atual, coloca os bandidos mais novos como um fator que não causa medo nos moradores locais. Mas tem logo sua fala rebatida por Ricardo, o jovem que me guiava pelo bairro, ao lembrar-lhe dos jovens que tentaram assaltar as jovens que voltaram da oração da igreja. Seu João, meu primeiro informante, também carrega essa idéia de que o Vale não é um local violento. Quando pergunto-lhe sobre a relação entre as pessoas de fora do Reginaldo tem com as pessoas da comunidade o mesmo responde:

“Onde eu chego eu digo, eu moro no Reginaldo, quer goste ou não, tem uns que ignoram. Tem taxistas que não gostam de entrar aqui, principalmente no inverno. No ainda tem deles que fica cismado. Não sei se é por causa de assalta, porque ele acha que aqui só mora assaltante, mas eu digo a eles que eu moro há tatos anos ali, mas nunca ouvir dizer que ninguém foi assaltado ali dentro. Você já foi assaltado aqui Ricardo? ... O povo fala daqui de dentro, é um lugar desprezado, mas graças a Deus nunca sofri nada aqui. Eu digo a eles, quando eles ficam assim, sem querer entrar, eu digo vamos sem medo, porque você não vai vê nada.”

Ele não se sente intimidado pela violência local, mesmo Ricardo, o jovem que me guiava no bairro, informando-lhe que em frente uma pastelaria próxima a igreja, pouco antes de chegar para um culto, um jovem foi morto na frente de todos. Diante das falas de Seu João tenho a impressão que para ele o roubo e a violência não existem no Reginaldo. Posso levantar alguns pontos para justificar sua negação, como por exemplo, pensar nos caminhos percorridos por ele. Como um senhor de idade avançada, ele passa o maior tempo em casa ou na igreja, já o jovem Ricardo vai para o trabalho, anda pela comunidade e algumas vezes chega tarde da noite em casa. Seu João pode carregar em sua mente um Vale do Reginaldo de 40 anos atrás, onde a violência era pouco comentada.

Hoje é comum encontrarmos crianças nas ruas brincando de bater umas nas outras. Lembro-me de uma situação em que um menino de cerca de 11 anos ao ver um homem na

varanda de seu apartamento no bairro do Farol, simulou que estava com uma arma na mão e tinha acabado de matar aquele homem. De forma inconsciente aquele menino reproduzia uma cena de violência, talvez presenciada pelo mesmo dentro de sua comunidade. A idéia da valentia masculina ser reproduzida e aprendida pelos mais jovens nos é pensada pela autora Cláudia Fonseca(2004):

A valentia masculina se constrói desde a primeira infância através de duelos constantes e multiformes entre homens. Basta observar o grupo de jovens que assistem ao jogo local para ver essas provocações mútuas; os empurrões, os insultos, os golpes de punho... é assim que os meninos aprendem a se movimentar no universo de sensibilidade a flor da pele. (FONSECA, 2004, p.191)

Diferente de Seu João e os demais, Dona Mariana carrega outra visão sobre a violência no Reginaldo. Em sua fala fica claro que os moradores do Vale têm que conviver diariamente com a violência. Quando lhe perguntei o que mudou na comunidade ela respondeu-me:

“(...) O que mudou mais foi o posto de saúde, chegou com mais oportunidade porque antigamente tinha que ir pra Maravilha pegar uma ficha de 4 horas da manhã. Isso era mais difícil. O que...o que mudou mais? Mudou também o tráfico. Antigamente a gente nem via isso, essas coisas aumentou(...) No geral piorou o caso da violência, porque aqui quando mata um mata dois de uma vez, quando começa a matar um mata o outro. Quando cheguei pra morar aqui era pouco Melhorou em uma parte e em outra não.”

Ao lembrar do passado local, contou-me um episódio quando ia sendo assaltada lá dentro. Ao reconhecê-la, o assaltante que liderava o bando ordenou para que ninguém fizesse nada com ela, pois eles reconheceram que era a “Irmã”, nome dado pelos traficantes por ela pertencer a uma igreja evangélica local. Ela mostra que antigamente os moradores eram respeitados, ninguém roubava os moradores da comunidade.

No seu livro “Família, fofoca e honra: uma etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares”, a autora Cláudia Fonseca mostra na comunidade estudada por ela que lá havia um código de honra, onde a proteção e a homenagem eram as principais moedas de troca. Os moradores seriam “defendidos” pelos bandidos locais, desde que acobertassem suas fugas. Essa moeda de troca já existiu no Vale do Reginaldo, bastava

pertencer ao local que sua segurança lá dentro estava garantida. Quando Dona Mariana fala sobre a atualidade, ressalta que os traficantes velhos deram lugar para os novos traficantes que não respeitam ninguém. Mesmo com toda violência, quando lhe questiono sobre a possibilidade de sair do Vale, ela responde-me :

Eu sempre digo que moro no Reginaldo. Porque eu moro aqui por opção minha, eu não sou obrigada. Eu pago aluguel, onde eu quiser, num canto pobre, eu pago aluguel pra mim morar. Então é opção minha morar aqui(...) Os taxistas não querem trazer a gente aqui...eu ate brinco, ai eu digo: “vamos você vai comigo e ninguém vai mexer com você”. Porque se tiver alguém conhecido eles não mexem com ninguém daqui. Né?! num mexe, as vezes tem gente que diz: Eita! no Reginaldo! Apesar de tudo eu gosto de morar aqui.

Um dos pontos que não pode ser esquecido é a recusa dos moradores do Reginaldo à polícia. Seus moradores ao invés de confiarem nestes, que tem como função defender o cidadão, assim como estar sempre pronta a prestar socorro no momento em que se fizer necessário, preferem recorrer aos traficantes locais. Segundo as Diretrizes para uma polícia cidadã do Ministério Público Federal:

Os policiais militares (soldados, cabos, sargentos, tenentes, capitães etc.) são os responsáveis por garantir a segurança das pessoas. Eles têm como principal função impedir que um crime ocorra, preservando a ordem nas comunidades.²⁰

Esse medo e recusa não está apenas relacionado ao Reginaldo e seus moradores. Em uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas e o Instituto de estudos da religião (ISER) por tema “Lei, justiça e violência realizada no ano de 1999, mostrou que:

Apenas 20% dos entrevistados admitiram ter recorrido à polícia em caso de violência, ou de algum problema que tivessem tido. Mas aqui apareceu outro dado importante: 66,3% consideram que o aumento do policiamento nas ruas contribuiria para a diminuição da criminalidade . Para combater a violência urbana, o recurso ao policiamento foi muito valorizado pelo grupo pesquisado. Mas paradoxalmente,a polícia não foi citada como boa escolha

²⁰.Disponível em: <file:///C:/User/Downloads/cartilha_policia_cidada.pdf> Acesso em 28 de maio de 2014

para resolver a aflição de cada um. (BOMENY; FREIRE-MEDEIROS, 2010, pp.194)

Poderíamos entrar em vários debates neste momento. Porém faz-se necessário apenas olhar para os noticiários e entenderemos porque esta relação policia - cidadão esta tão desgastada. Mas aqui focaremos no que a mídia tem contribuído para que esta relação torne-se cada vez mais tensa. A socióloga Ruth Vasconcelos(2005) mostra como a mídia interfere nessa relação:

Um dos efeitos produzidos pela divulgação massiva de matérias jornalísticas envolvendo a estrutura policial com o crime organizado foi o da generalização, através do qual as pessoas passariam a marginalizar todos os policiais e própria imagem da instituição policial. Evidente que a população sabia que nem todos os policiais estavam envolvidos com a criminalidade, mas isto não impediu que a imagem do policial passasse a estar muito mais associada ao crime do que a segurança. (VASCONCELOS, 2005,pp.107)

Dona Joana relata de episódios vividos em sua infância e juventude. Suas memórias são um reflexo dos abusos policiais que ocorrem dentro do Reginaldo:

Quando eles vem bate mesmo, mandam entrar, alguns são até educados, pedem pra entrar que pode ter troca de tiros, coisas desse tipo, até inclusive também eu já me envolvi com drogas Também o meu ex marido, pais dos meus filhos, também foi morto. Algemado, encapuzado... Eu creio que foi os policiais que mataram ele, porque foi um requinte de muita crueldade pra um bandido fazer aquilo, não que não faça, mas balaclava, algemando e perto da radio patrulha, é muito difícil no Farol não ter tanto policiamento pra acontecer um homicídio tão fresquinho daquele muito próximo a eles. Então assim, você vê aqui crianças de 8, 9 anos que usa drogas, trafica, 14 anos que é usuário. Inclusive tem uma menina aqui de 14 anos que ela perdeu um bebê de 6 meses porque namorava com um traficante daqui de 14 anos também. Ela apanhou tanto que perdeu a criança (...). Já vi a casa da minha mãe ser invadida, eles derrubar tudo as feiras que a minha fez, querer da tiro nos cachorros só porque eles não paravam de latir. A gente já passou por várias situações assim, e passei sete anos tomando remédio controlada por conta das agressões deles mesmos. Quando um dos meus sobrinhos era vivo. Vi e presenciei eles desmaiarem ele de pancada com ripa de casa e não foi em outro canto, foi na ladeira do Marista e todo mundo viu. Deram um tiro no meu sobrinho e não pegou e disseram que ele tinha reagido. Aqui você vê a policia invadir sua casa, colocar droga na sua casa sem ser e se você falar ele diz que você morre! Então você tem que ser conivente com o erro deles, inclusive tem até policiais que financiam o

tráfico daqui. Pega de uma boca e dá a outra e vem aqui só buscar dinheiro e quem vai falar pra morrer?

De todos os moradores que conversei, suas falas sempre citavam os policiais como aqueles que passavam uma imagem de medo e não de alguém que está para ajudar. A visão da comunidade sobre os policiais é uma das piores. Essa imagem de medo nos é apresentada pela antropóloga Alba Zaluar(2000):

É sobre os pobres que a policia concentra seu poder fortalecido nos últimos vinte anos: comete injustiças, nunca compensadas, humilha, mata, tortura e, na rua, “vai logo dando sugestão”. A desconfiança que a presença policial desperta entre eles, mesmo quando concordam sobre a necessidade do policiamento ostensivo e sobre os bons propósitos de alguns (poucos) policiais, é notável. A memória de muitos casos adversos e trágicos mantém a imagem negativa do policial. Por isso dizem preferir, entre o policial e o bandido, a este ultimo, que conhecem e com quem podem conversar.” (ZALUAR, 2000, pp157)

No geral, percebemos que essa rejeição da população aos policiais, não se criou do dia para noite. Poderíamos considerar que o aumento desgovernado da violência em Maceió, fez com que os policiais mudassem seus meios de abordagem. Mas como é possível notar nas falas de Dona Joana, desde sua infância ela lembra de abusos policiais. Abusos esses que não são apenas com os criminosos ou delinquentes, a população do Vale do Reginaldo, independente de quem seja, teme a chegada de policiais no local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto de pesquisas etnográficas, onde muito mais do que uma simples observação em um local da cidade de Maceió, esta pesquisas contribuíram além de minha formação acadêmica. Esta pesquisa também colaborou para que, mesmo em uma pequena escala, pessoas possam ouvir sobre o Vale do Reginaldo.

Mesmo tendo realizado minhas pesquisas em um curto espaço de tempo, considero que minha observação em relação o Reginaldo não começava naquela tarde em que me sentei com meu primeiro informante. Minhas análises, ainda que nada científicas, começaram quando descendi a primeira vez as escadarias que dão acesso ao Vale do Reginaldo. Cada manhã e tarde de entrevistas me renderam anotações, áudios e fotografias que foram essenciais para que chegasse as conclusões deste trabalho.

Todos nós sabemos que o Reginaldo sofre com um preconceito de ser um local violento e onde muitos carregam um pavor de chegar próximo. O que vi no local só aumentava meu medo, porém, percebi que muito mais do que o olhar eu precisava me aproximar daquele povo para poder ouvi-los. Aqui a memória tem um papel fundamental

Para isto utilizo Maurice Halbwachs(2006) para pensar como as memórias individuais, que se introduzem na memória coletiva, constroem a historia do local. As memórias dos moradores se entrelaçam com cada parte do Vale. Entendi que para se compreender algumas relações que ali eram traçadas, eu precisaria me voltar para a memória individual.

Mergulhar nas memórias de um povo tão sofrido, foi para mim um desafio. Ouvir suas histórias de dor e perdas, suas narrativas cheias de amor e recusa, medo e apego. Me faziam entrar na memórias destes e como se fizesse parte do momento referido, eu muitas vezes tive que me calar para não expor minhas opiniões, meus medos e sensações.

Nesta pesquisa, busco mostrar os “dois lados da moeda”. De um lado mostro a realidade do Reginaldo. Um local pobre, cheio de violência, movido pelo tráfico de drogas, com seus jovens tendo suas juventudes roubadas pelo crime ou pelo morte. Desde já , saliento que não pretendo reforçar o estigma que já foi tanto lançado sobre o local. Mas não me detenho apenas neste ponto, mostro que assim como tantos outros lugares, o Reginaldo possui uma história que merece ser contada.

Para pensar a violência dentro do Reginaldo, penso a idéia da “Fala do crime” apresentada pela antropóloga Teresa Caldeira(2000). Ao realizar suas pesquisas na Comunidade da Cidade de Deus no Rio de Janeiro, a pesquisadora aponta para a sensação de

medo que é espalhada no meio da sociedade ao ter seus crimes contados e repetidos pela própria população. Esta mesma sensação tive ao conversar com meus interlocutores e durante vezes tentar mudar de assunto e os mesmo preferirem falar dos crimes ocorridos ali.

Ficou claro que o Vale do Reginaldo é um local discriminado socialmente. Pensando no que Goffman(2008) apontou como estigma, percebemos que dentro do Vale os estigmas que são lançados são de “maconheiros”, prostitutas, “lombreira”, etc. Todos essas termos estão ligados a características que denigrem a imagem dos seus moradores. Esse estigma é lançado nos moradores em geral.

REFERÊNCIAS

- BOMENY, Helena. FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Tempos modernos, tempos de sociologia**. São Paulo: Editora Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução: Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000,
- CALIXTO, Fernanda Karoline Oliveira. **O tratamento jurídico dos desastres urbanos ambientais na perspectiva da sociedade de risco: O caso do Vale do Reginaldo em Maceió/ AL**. 2013. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Federal de Alagoas, Maceió- AL, 2013
- CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org) **Desvendando máscaras sociais**. 3 ed. Francisco Alves editora, 1990
- DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura**. Organização: Omar Ribeiro Thomaz São Paulo: Cosac Naify, 2004. edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004.
- FOOTE-WHYTE, William. *Treinando a observação participante* [1943]. In GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.), **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1980.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed, Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. Brasília: Paralelo 15/ São Paulo Editora UNESP, 2000.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2 n 3 . p 3-15 1989

QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. SIMSON, O. R. M. von (org.) São Paulo: Vértice, 1988.

VASCONCELOS, Ruth. **O poder e a cultura de violência em Alagoas**. Maceió: EDUFAL, 2005. 187 P.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: As organizações populares e o significado da pobreza. 2 ed. São Paulo; Brasiliense, 2000.

APÊNDICE

Apêndice A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Seu nome
- 2- Sua idade
- 3- Há quanto tempo mora no Vale do Reginaldo
- 4- Da sua infância/juventude o que lembra da paisagem local
- 5- Em relação ao Riacho Salgadinho, quais lembranças você carrega dele
- 6- Para você, as transformações sofridas dentro da comunidade, influenciaram na degradação do Riacho
- 7- Você pode citar um exemplo dessa mudança
- 8- Você considera o Vale um local violento
- 9- Você já sofreu preconceito por morar aqui
- 10- Na sua opinião, a violência no Reginaldo aumentou ou sempre foi dessa forma